



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PEDAGOGIA

**RELAÇÕES INTERPESSOAIS, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E APRENDIZAGEM:
O ESPAÇO/AMBIENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

JUCELE ROSA MARIANO

BRASÍLIA

2018

JUCELE ROSA MARIANO

**RELAÇÕES INTERPESSOAIS, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E APRENDIZAGEM:
O ESPAÇO/AMBIENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho final de conclusão de curso apresentado à banca examinadora da faculdade de educação, como requisito à obtenção do título de graduação no curso de pedagogia da Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Dra. Cristina M. Madeira Coelho.

BRASÍLIA

2018

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

JUCELE ROSA MARIANO

**RELAÇÕES INTERPESSOAIS, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E APRENDIZAGEM:
O ESPAÇO AMBIENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Brasília, junho de 2018

Banca de defesa do trabalho de conclusão do curso

Professora Doutora Cristina Massot Madeira Coelho - Orientadora
Faculdade de Educação - Universidade de Brasília

Professora Maria Aparecida Camarano Martins -Doutoranda do PPGE
Faculdade de Educação - Universidade de Brasília

Professor Fabio Oscar Lima-Professor substituto
Faculdade de Educação - Universidade de Brasília

Professora Rhaisa Naiade Pael Farias - Suplente

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida, saúde e proteção.

Aos meus pais, irmãos, e colegas pelo apoio e incentivo a realização deste trabalho.

A minha orientadora Professora Doutora Cristina Massot pelo comprometimento e dedicação para com a realização deste trabalho. As reflexões e discussões durante os projetos 3 e 4 foram fundamentais ao longo de todo o percurso do curso de pedagogia para minha formação docente.

Ao meu namorado Gabriel pelas palavras de carinho e incentivo.

Aprender generosamente significa não aprender com egoísmo, buscando a aquisição de conhecimento para vaidade pessoal ou para vangloriar-se em um amanhã de triunfos exteriores, esquecendo que muito do aprendido foi ensinado para evitar sofrimento e permitir a passagem pelos trechos difíceis no longo caminho da vida (RAUMSOL).

MEMORIAL

Meu nome é Jucele Rosa Mariano, tenho 21 anos de idade, nasci no dia 02 de janeiro de 1997. Minha mãe é professora do estado de Goiás com 18 anos de carreira como pedagoga e se chama Maria dos Reis, e meu pai é agricultor rural e se chama Jerso Rosa, sou filha caçula, pois tenho mais três irmãos. Tenho uma irmã que se chama Geicielane Rosa, é minha irmã mais velha e trabalha como técnica de enfermagem no Instituto do Coração do - DF, e os outros dois irmãos são policiais do Estado de Goiás, o Kelve que já possui três anos de carreira, e o Saulo que passou no concurso recentemente. Minha trajetória escolar começou no ano de 2002, aos 7 anos de idade na Antiga 1º série, hoje denominado 1º ano, em uma escola situada no Município de Cabeceiras de Goiás, nesta escola estudei até o 3º ano do Ensino Fundamental.

Logo depois passei para outra escola e fui ser aluna da minha própria mãe, pois ela trabalhava na escola com a 4º série do Ensino Fundamental e me colocou para estudar tarde na turma dela. Assim toda a minha trajetória escolar até os dias atuais foi em escola pública, a primeira se chamava Escola Estadual Domingos Sávio, cujo o nome foi alterado, pois a escola agora pertence a administração Municipal da Cidade de Cabeceiras em que estudei até a 3º série do Ensino Fundamental, e a outra se chama Colégio Estadual OemisVirgínio Machado onde estudei da 4º série do Ensino Fundamental até concluir o 3º ano do ensino médio.

Minha professora da 1º série era muito experiente com muitos anos de carreira como professora de alfabetização. Ela gostava de dividir a turma em grupos para fazer leituras de fichas com as famílias silábicas, e logo depois passava tomando a leitura de cada criança individualmente. Passava as famílias silábicas no quadro e tomava a leitura de toda turma. Utilizava o quadro para fazer a leitura coletiva com toda a turma e também o livro didático.

O ambiente da sala de aula era decorado com o abecedário, números naturais e cartazes com músicas e pequenas palavras como: dado, dedo, doce, e várias outras palavras que eram ensinadas de acordo com cada família silábica que era trabalhada na sala de aula. Assim essas pequenas palavras iam sendo trabalhados e na medida em que aprendíamos outras famílias a professora ia acrescentando outras palavras. Tenho boas lembranças das brincadeiras de correr na hora do recreio nesta escola, e na época achava a escola enorme, pois eu corria o recreio todo e me cansava fácil. Consegui ser alfabetizada na 1º série, pois a

professora que se chamava Nilva era muito boa, adorava ela, porém não tenho muitas lembranças da professora da 2º série e da 3º série.

Não frequentei o Jardim de Infância como a maioria das crianças, e tinha um pouco de dificuldades de coordenação motora, fazer movimentos de pinça para pegar o lápis no primeiro ano do ensino fundamental, e me sentia atrasada nesse aspecto em relação as outras crianças.

Na 4º série tinha nos meus pensamentos que tinha que ser uma aluna excelente em comportamento e também nas notas, e acredito que fui essa aluna dedicada e faço muito esforço para continuar sendo até hoje na Faculdade, e devo toda as minhas conquistas até os dias atuais a minha mãe que foi sempre motivo de inspiração até na profissão de pedagoga.

Me sentia muito feliz por estar estudando com minha mãe, pois diferentemente dos professores antigos ela gostava de trabalhar muito com músicas, dinâmicas em grupo, e brincadeiras diversas, realizava também projetos com literatura de contos populares, e isso me ajudou bastante a desenvolver ainda mais a leitura e a escrita.

Quando passei para a 5º série neste mesmo colégio estranhei muito, pois o número de matérias tinha aumentado como Língua Inglesa e Espanhola, e também o número de professores passando de um professor para vários, e cada um responsável por uma matéria. Neste sentido, as aulas de cada professor eram de 45 minutos, e quando um professor terminava sua aula e saía da sala, logo entrava outro com uma matéria diferente. Mas logo fui me acostumando e já passei a gostar de ter vários professores, e as matérias que eu mais gostava era português, sociologia e artes. Desse modo na medida que fui me adaptando aos novos professores e as novas matérias não tive dificuldades até o 9º série do Ensino Fundamental, porém quando foi para ir para o 1º ano do Ensino Médio confesso que fiquei com um pouco de “medo”, pois os colegas de turma falavam que era muito difícil o Ensino Médio.

Guardo boas lembranças dessa escola, pois foi lá que comecei a ter os meus primeiros grandes desafios como aprender coisas novas, fazer novas amizades, lidar com pessoas que possuem o pensamento diferente do meu, e assim levar no meu coração pessoas que até hoje fazem parte da minha vida.

O ambiente do Colégio Oemis é bastante arejado, com salas de aula com janelas grandes e azuis que continua até hoje da mesma cor, com corredores para a circulação de alunos e demais funcionários da escola, uma quadra de futebol e algumas áreas verdes com gramas e bancos feitos de cimento. Minha mãe ainda trabalha nesta escola e me fala que quer continuar trabalhando lá até se aposentar, porém nos dias atuais ela trabalha como professora

de apoio educacional especializado juntamente com a equipe pedagógica da escola como mediadora do ensino e aprendizagem das crianças com deficiência.

Todo o meu ensino médio foi feito nesta escola, e tenho bastante saudade desse tempo, pois adorava ir e voltar da escola junto com minha mãe conversando sobre a vida e planos para o futuro. Neste sentido parece que o ensino médio passou muito rápido e quando me dei conta já estava concluindo o 3º ano, e a saudade da escola começou antes mesmo de concluir as últimas provas do 4º bimestre. Ainda hoje pergunto para minha mãe sobre a escola e como está sendo o trabalho dela, pergunto também pelos professores que eu gostava como o de matemática, de história e vários outros.

A partir do 3º ano do Ensino Médio já comecei a pensar em que faculdade eu poderia ingressar, e o meu sonho era fazer um curso de licenciatura em uma Universidade Pública. Entre minhas opções estavam o curso de Letras Português, e Pedagogia, pois como minha mãe é professora, desde pequena eu queria seguir a mesma profissão dela, gostava de brincar de ser professora colocando as bonecas e ursos de pelúcia para serem os meus alunos.

Assim quando chegou o final do ano de 2013 em que eu estava perto de concluir o ano comecei a fazer vestibulares como da Universidade Estadual de Goiás - UEG, e também fiz o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, porém a minha nota não foi o suficiente para conseguir o curso de Letras pela UEG. Lembro como se fosse hoje da minha decepção, e tristeza, pois alguns colegas da minha turma tinham conseguido, mas não me deixei abater e comecei o ano estudando com uma apostila que tinha ganhado do meu namorado que era preparatória para vestibular. Continuei estudando com firmeza por alguns meses e quando abriu o vestibular da Universidade de Brasília - UnB eu fiz, escolhi o curso de licenciatura em pedagogia e para minha surpresa e alegria fui aprovada na primeira chamada.

Quem me deu a notícia de que eu tinha conseguido ser aprovada foi meu Irmão Saulo, pois ele também tinha feito o vestibular e olhou o resultado dele e também o meu. Confesso que na hora nem acreditei, porém quando olhei pessoalmente consegui acreditar de verdade que realmente era minha vez de partir para uma nova batalha, pois foi necessário sair de casa e ir morar com minha irmã em Planaltina para cursar a faculdade.

Acredito que Deus me ajudou a conseguir realizar esse sonho de fazer um curso superior em uma Universidade Pública, pois esse sonho não era só meu, mas também de toda a minha família, e nas minhas orações pedi muita ajuda a ele. Agradeço a ele e toda minha família por estar me apoiando e me ajudando nessa caminhada durante todos esses semestres já cursados.

Hoje, cursando o 8º semestre de pedagogia, vejo que estou perto de concluir o curso, com muita alegria e satisfação, mas ainda não consegui me acostumar com a agitação do Distrito Federal, pois a realidade é muito diferente da minha pequena cidade de Cabeceiras de Goiás. Aqui em Planaltina não conheço muitas pessoas, e quase não saio de casa, pois aqui a violência e criminalidade é maior do que na minha pequena cidade, mas por estar perto da Capital que é Brasília vejo muitas oportunidades de emprego e crescimento profissional.

Escolhi o tema para o trabalho final de conclusão do curso, pois nas minhas vivências durante o estágio supervisionado percebi o quanto a organização do espaço na educação Infantil pode contribuir para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças pequenas.

Um espaço/ambiente bem organizado é um dos aspectos do complexo processo de ensino e aprendizagem das crianças e permite ao sujeito entrar em contato com o meio que o cerca, e se desenvolver, emocionalmente, cognitivamente e socialmente.

Acredito que o meu papel como educadora é construir o conhecimento junto com os meus alunos, respeitando as singularidades de cada criança, pois cada criança aprende de uma maneira diferente, e o professor deve respeitar o tempo e organizar um espaço que contribua para a aprendizagem das crianças.

RESUMO

O presente trabalho refere-se às relações interpessoais, práticas pedagógicas e aprendizagem: o espaço/ambiente na Educação Infantil. A metodologia caracteriza-se pelo estudo de caso na modalidade qualitativa com o objetivo de compreender aspectos da organização do espaço/ambiente na Educação Infantil levando em consideração o espaço/ambiente planejado pelo professor em suas práticas pedagógicas que tenham valor para interações sociais, aprendizagem e desenvolvimento. Aborda-se a importância da organização do espaço/ambiente de acordo com as necessidades das crianças, em um trabalho pedagógico que buscava propiciá-las vivências diversificadas. Assim o estudo é um relato de experiência decorrente das observações, práticas pedagógicas e reflexões do período do meu estágio supervisionado docente desenvolvido com uma turma do 1º período da Educação Infantil em uma escola pública situada na zona urbana na cidade de Planaltina-DF. O resultado diz respeito a aspectos a serem levados em consideração pelos professores em suas práticas pedagógicas ao organizar os espaços/ambientes da escola onde vão acontecer as atividades educativas na pré-escola.

Palavras-chave: Educação Infantil. Organização do espaço. Aprendizagem. Relações interpessoais

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| CAPÍTULO 1..... | 15 |
| CONSIDERAÇÕES SOBRE A INFÂNCIA E A CRIANÇA | 15 |
| 1.1 A Educação da Criança na Infância | 16 |
| 1.1.1 A Educação Infantil no Brasil: aspectos legais..... | 18 |
| 1.1.1.1 Educação de qualidade na Educação Infantil | 20 |
| | |
| CAPÍTULO 2..... | 22 |
| A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NO AMBIENTE ESCOLAR DA EDUCAÇÃO | |
| INFANTIL..... | 22 |
| 2.1 Indicadores de qualidade do espaço na Educação Infantil..... | 23 |
| 2.2 Espaço é ambiente? | 25 |
| 2.3 Os espaços organizados e planejados pelo professor..... | 26 |
| | |
| CAPÍTULO 3..... | 29 |
| O ENSINO, A APRENDIZAGEM, E O DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO | |
| INFANTIL E SUA RELAÇÃO COM O ESPAÇO | 29 |
| 3.1 A relação entre a organização do espaço e as interações sociais..... | 30 |
| 3.2 Cantinhos propícios á interação aprendizagem e desenvolvimento | 30 |
| | |
| CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA | 34 |
| 4.1 Temática da pesquisa, Problema da pesquisa, objetivo geral e específicos | 34 |
| METODOLOGIA..... | 35 |
| 5.1 Pesquisa qualitativa..... | 35 |
| 5.2Relato de experiência | 36 |
| 5.3 Caracterização da escola e do espaço escolar | 37 |
| 5.4 Caracterização da turma, sala, e trabalho da professora..... | 39 |
| | |
| DISCUSSÃO | 42 |
| 6.1 Atividade com as figuras geométricas no espaço/ambiente | |
| da sala de atividades | 42 |

| | |
|---|-----------|
| 6.2 Atividade com figuras geométricas no pátio da escola..... | 44 |
| 6.3 Atividade de leitura dentro do espaço/ambiente da sala de atividades | 45 |
| 6.4 Atividade de leitura fora da sala de atividades: história de germinação de uma semente | 47 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 50 |
| REFERÊNCIAS | 52 |

INTRODUÇÃO

Enxergar a criança como um sujeito que está em processo de desenvolvimento e aprendizagem, como um ser com especificidades, que se encontra em uma fase peculiar que é a infância, é um processo importante para conseguirmos mais avanços rumo a uma Educação Infantil de Qualidade.

A Educação Infantil na contemporaneidade é um direito que foi sendo conquistado ao longo da história no mundo todo. No Brasil, está assegurado na nossa legislação como na Constituição Federal (1988) que é nossa lei maior, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LEI nº 9.394/96) que trouxe um grande avanço, pois reconhece o direito da Educação Infantil como a primeira etapa da educação básica, trazendo novas concepções do que vem a ser a educação de crianças desvinculando do caráter assistencialista que a Educação Infantil esteve associada por vários anos no Brasil, sobretudo nas creches. Além de outros leis e documentos legais que enfatizam esse direito da criança como na atual Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018).

Além da legislação vigente que assegura o direito da criança a uma Educação Infantil de qualidade existem diversos aspectos que devem ser levados em consideração na compreensão da educação das crianças. De acordo com Horn (2004), o fio condutor seria o investimento na formação de profissionais que atuam nessa área. Um profissional com uma formação ampla é capaz de refletir e planejar suas práticas pedagógicas no dia a dia com um olhar sensível e atento a todos os elementos que compreendem a formação integral da criança, em seus aspectos físicos, cognitivos, social e emocional.

Muitos estudos e pesquisas na contemporaneidade apontam outros aspectos como às brincadeiras, as relações estabelecidas com o meio social que as cercam, o trabalho integrado entre as instituições de educação infantil com a família e a comunidade, entre outros, e tão importante quanto estes, a organização do espaço/ambiente dessas instituições onde vão acontecer o processo de ensino e aprendizagem.

Neste sentido pensar na organização do espaço/ambiente na Educação Infantil é algo imprescindível e essencial para uma educação de qualidade. Considerando que a organização do espaço envolve profissionais comprometidos, professores que repensem suas práticas pedagógicas e planejem esses espaços a partir das dinâmicas geradas pelas atividades escolares do dia a dia buscando trazer para as crianças vivências diversificadas.

Pensar na organização do espaço/ambiente é pensar nas relações sociais estabelecidas dentro dele, relações entre as crianças com as outras crianças e também com os adultos,

levando em consideração o que salienta Vygotsky (1984) que o meio social é fundamental para a aprendizagem e desenvolvimento. Assim sendo, “a forma como organizamos o espaço nas salas de aula e nos demais espaços coletivos da escola possibilita ou inibe interações sociais” (HORN, 2004, p.85).

Quando um educador se compromete com a organização do espaço/ambiente, seja da sua sala de aula, seja de outros espaços da escola onde vão acontecer processos de aprendizagem, ele está se comprometendo com a educação das crianças, pois um espaço planejado e organizado de acordo com as necessidades do grupo pode propiciar o acesso da criança a culturas diferenciadas, ao mundo da imaginação, da criação, sendo que a organização desse espaço/ambiente deve levar em consideração o sujeito como um ser ativo, produto e produtor de cultura e de conhecimento.

Segundo Horn (2004) os espaços devem ser flexíveis, ou seja, serem alterados e adaptados conforme as atividades pedagógicas, brincadeiras e vivências das crianças. Daí a importância de o professor ficar atento a esses aspectos em suas práticas pedagógicas para que todas as atividades, brincadeiras, vivências, desenvolvidas nesse espaço/ambiente façam sentido para a criança, fazendo dessa organização uma estratégia pedagógica para as práticas de ensino e aprendizagem.

Os termos espaços e ambientes, em alguns momentos no decorrer deste trabalho, vão ser usados juntos, de modo que um não se dissocie do outro. O termo espaço segundo Forneiro (1998) refere-se ao espaço físico, ou seja, os locais, os objetos, mobiliários, decoração, materiais didáticos, entre outros, e o ambiente refere-se ao conjunto espaço físico/ambiente e as relações estabelecidas neste conjunto, relações como: afeto, cuidado, atenção entre outros.

O tema desse trabalho é: Relações interpessoais, práticas pedagógicas e aprendizagem: o espaço/ambiente na Educação Infantil. A problemática da pesquisa é de que forma a organização do espaço na Educação Infantil se expressa na aprendizagem e desenvolvimento das crianças? e quais aspectos o professor deve levar em consideração em suas práticas pedagógicas na organização do espaço/ambiente.

O objetivo geral é compreender aspectos da organização do espaço/ambiente na Educação Infantil, levando em consideração o espaço/ambiente planejado pelo professor em suas práticas pedagógicas que tenham valor para as interações sociais, aprendizagem e desenvolvimento.

E também os objetivos específicos: **1-**Identificar as implicações que a organização do espaço tem no ensino e aprendizagem na Educação Infantil. **2-**Verificar a contribuição dos

objetos dispostos no espaço para a interação entre pares criança/criança adulto/criança. **3-** Refletir sobre a organização do espaço como prática pedagógica do professor no seu diaadia.

A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa com procedimentos por meio do estudo de caso, e visa considerar as minhas observações e práticas pedagógicas durante o estágio supervisionado docente do projeto 4 fase 1 e 2 da Faculdade de Educação da UnB com crianças do 1º período da educação Infantil na Escola pública Jardim de Infância e Casa de Vivência¹ da cidade de Planaltina - DF, para compreender a relação entre aspectos empíricos e teóricos sobre a temática.

Este trabalho de conclusão de curso foi dividido em seis capítulos, sendo que os três primeiros abordam a parte teórica em relação à temática, seguido da pesquisa/metodologia, discussão e considerações finais.

O primeiro capítulo aborda algumas considerações sobre a criança e a infância ao longo da história e seu direito a uma educação de qualidade assegurada em aspectos legais no Brasil. O segundo capítulo aborda a organização do espaço no ambiente escolar da Educação Infantil deixando claro algumas considerações a serem feitas na organização desse espaço. O terceiro capítulo aborda a organização do espaço como fator de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil, seguido da construção do objeto da pesquisa, que aborda a temática da pesquisa, problemática, objetivo geral e específicos, a metodologia de cunho qualitativo com relato de experiência do estágio supervisionado docente e a discussão que aborda as atividades desenvolvidas no espaço/ambiente da escola, e considerações finais.

¹A singularidade do espaço físico dessa instituição frente a outras instituições educacionais do Distrito Federal envolve a devida identificação da mesma, já que na própria discussão essa identificação ocorreria tendo em vista a especificidade desse espaço/ambiente.

CAPÍTULO 1 - CONSIDERAÇÕES SOBRE A INFÂNCIA E A CRIANÇA

Quando falamos de infância e criança, logo nos vem à memória seres humanos em processo de desenvolvimento e aprendizagem, e que estão amparados por direitos vigentes na nossa legislação. No Brasil, a criança é considerada um sujeito de direitos, porém essa concepção de criança como sujeito de direitos foi sendo conquistado, ao longo da história não só no Brasil, mas no mundo todo.

Neste sentido, como ressalta Maia (2012, p.15), “a criança sempre existiu, mas constata-se que o sentimento de infância era ausente até o século XVI, surgindo a partir dos séculos XVII, como identifica Ariès (1981) em suas pesquisas”. Assim a criança sempre existiu, mas o “sentimento de infância” que é um termo utilizado por Ariès nos seus estudos foi uma construção histórica ao longo dos anos. Mas afinal, o que desencadeou esse sentimento de infância nas pessoas ao longo dos tempos?

De acordo com Ariès (1981) o sentimento de Infância nasceu por uma necessidade de diferenciar as crianças dos adultos, pois eram seres visivelmente diferentes tanto no aspecto físico como psicológico. Assim, começou-se a pensar em uma forma de disciplinar essas crianças por meio da escolarização, logo depois começaram o processo de fabricação de brinquedos para essas crianças, sendo que as relações entre pais e filhos foram sendo fortalecidas.

Diferentemente dos dias atuais, as crianças não eram vistas como sujeitos, que desde o seu nascimento, estão passando por estágios de desenvolvimento, e que necessitam de atenção e cuidados por parte dos adultos.

Devemos levar em consideração que o sentimento de infância está envolvido diretamente com fatos sociais e culturais que foram acontecendo ao longo da história e que com o início da Modernidade a criança começou a ser vista em uma perspectiva social, devido às novas concepções de família e também questões relacionadas à religiosidade, e à escolarização. As crianças começaram a ter papéis sociais imputados pela sociedade, despertando nas pessoas a preocupação em tratar as crianças de maneira diferenciada.

Neste sentido, a história da infância tem seus marcos históricos, mas não vamos nos prender a esses marcos, pois o objetivo da apresentação deste capítulo é frisar a ideia de que a criança é um sujeito de direitos, o que já vem sendo conquistado ao longo da história. Pretende-se também afirmar que o conceito de infância deve ser mencionado no plural, pois de acordo com Maia (2012) não existe uma “infância” e sim infâncias. Na contemporaneidade, está reconhecido que, em cada lugar, esse conceito possui um contexto

socioculturalmente produzido, já que cada cultura trata de forma diferenciada as crianças. Além disso, pontuar a ideia de que, a criança como sujeito em processo de desenvolvimento, necessita de um olhar mais atento para suas especificidades, permite o desenvolvimento de uma Educação Infantil de qualidade.

No Brasil, a Política Nacional de Educação Infantil, embora não sendo o primeiro documento a trazer a visão de criança como sujeito de direitos, enfatiza essa nova concepção de criança:

[...] as formas de ver as crianças vêm, aos poucos, se modificando, e atualmente emerge uma nova concepção de criança como criadora, capaz de estabelecer múltiplas relações, sujeitos de direitos, um ser sócio- histórico produtor de cultura e nela inserido. (BRASIL, 2006, p.8).

Apesar disso a visão mencionada por Ariés (1981) de crianças “frágeis, angelicais, adulto em miniatura”, constatado por meio de seus estudos durante os períodos dos séculos XII ao XVII, infelizmente ainda prevalece para as pessoas no nosso dia- a - dia e até mesmo para professores. Essas representações idealizantes corrompem o verdadeiro vir a ser criança, e infância, pois a criança é um ser social que produz cultura e nela está inserido, sendo um ser humano que está em processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Na mesma perspectiva, Maia salienta que

[...] a existência histórica e social é o que impulsiona o crescimento e desenvolvimento da criança e sua infância e também o referencial ao longo de sua vida. Isto implica considerar a criança como sujeito de direitos, um sujeito em pleno processo de formação. A criança possui expectativas frente ao mundo, e sua expressão é percebida na medida em que a sociedade volta o seu olhar para esse período da vida. É preciso pensar em espaços para que ela possa viver sua curiosidade, sentir e estar no mundo. (MAIA, 2012, p.32).

Neste trecho do texto, Maia destaca o que já estava sendo discutido, ressaltando ainda que: ao longo do processo de formação da criança, compreender os espaços como necessários para que elas possam viver sua curiosidade, sentimento e compreensão de estar no mundo.

1.1 A Educação da Criança na Infância

O sentimento de Infância tratado por Ariés (1981) foi um grande marco para mudanças, e principalmente, fez com que as crianças saíssem do anonimato passando a ter uma maior atenção social a essa etapa da vida. Ainda segundo o autor francês, esse sentimento

representa um padrão da família burguesa que passou a se preocupar com a criança e sua educação. Neste sentido, segundo Loureiro (2005, p.36).

[...] começa a existir uma preocupação em conhecer a mentalidade da criança a fim de adaptar os métodos de educação a elas, facilitando o processo de aprendizagem. Surge uma ênfase na imagem da criança como um anjo, “testemunho da inocência batismal” e, por isso, próximo de Cristo.

Essa passagem descrita acima nos faz perceber que a educação começa a ter um papel de grande importância na vida da criança, mas, naquele momento essa educação ainda estava voltada para preceitos religiosos.

Hoje, no século XXI, no Brasil, a criança é vista como sujeito de direitos, como foi previsto e mencionado na Constituição Federal de 1988 como:

Art. 227. É dever da família da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com prioridade absoluta, o direito à vida, saúde, à alimentação, a educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, [...]. (CF/88).

Esses direitos elencados acima formam um conjunto de responsabilidades que são dadas para as famílias como primeira instância provedora dos direitos da criança, e também, da sociedade como um todo, e ao Estado, visando assegurar a garantia desses direitos com responsabilidade, e compromisso com a criança e com o adolescente, deixando expresso que, por serem seres em formação e com especificidades, possuem prioridade absoluta a esses direitos.

Já a Educação Infantil tem por finalidade à educação integral da criança nos seus aspectos físicos, psicológicos, sociais e intelectuais, porém antes disso, nos séculos XIX e XX houve muitas lutas travadas na direção dos direitos das crianças como está descrito no Currículo em Movimento da Educação Básica/Infantil do Distrito Federal que diz que:

“Nos séculos XIX e XX, há uma inflexão na direção dos direitos das crianças, prerrogativas de cidadania, teorias do desenvolvimento, periodicidade da vida infantil, iniciativas da Medicina, da Psicologia e da Pedagogia formulam discursos e sustentam práticas através das quais se forma um ideal de criança. São divulgadas normas de higiene e cuidados com as crianças, investe-se em campanhas de amamentação, criam-se instituições de atendimento, como as creches e jardins da infância. Elaborase um modelo de infância, um modo de ser criança na cultura ocidental. Assim, começa a ganhar corpo um ideário sobre a infância que atribui à criança o estatuto de sujeito de direitos, estendendo-se na elaboração de

dispositivos legais e documentos internacionais, entre os quais a Declaração de Genebra (1923), a Declaração Universal dos Direitos da Criança (1959) e a Convenção dos Direitos da Criança (1989)”. (CMEBI, 2013, p.21).

Esses documentos internacionais referidos acima foram de suma importância para a validação dos direitos da criança através de lutas e discussões que foram travadas, não só no Brasil, mas no mundo todo.

1.1.1 A Educação Infantil no Brasil: aspectos legais

O reconhecimento do direito à educação da criança como já mencionado acima foi assegurado na Constituição Federal de 1988 (CF/88) no Brasil em seus artigos de números 30, inciso VI, no artigo 227, e também no capítulo III/ seção I nos artigos de nº 205 a 214. Sendo que o artigo de número 227 traz, não só, o direito à educação, mas também o direito à saúde, liberdade, alimentação, vida, entres outros. Logo depois da Constituição Federal de 1988, foi instituído o Estatuto da Criança e do Adolescente ECA (Lei de nº 13.257) promulgada em julho de 1990, trazendo em seu artigo 2º o que se entende por criança: “Considera-se para os efeitos dessa Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos” (ECA, 1990, Art 2º).

Essa delimitação de idade do que se entende por criança é importante, pois concede os direitos e prerrogativas inerentes às condições desses sujeitos, além de reafirmar o que estava expresso na Constituição deixando claro que a interpretação dessa Lei leva em consideração a condição peculiar da criança e do adolescente como seres em desenvolvimento.

Seis anos mais tarde em 1996 é promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei de nº 9.394/96) que assegura o atendimento das crianças de 0 a 6 anos de idade em creche e pré-escolas, sendo que as crianças de 0 a 3 anos de idade deveriam ser atendidas em creches, e as crianças de 4 a 6 anos na pré-escola.

Em 2006, foi introduzida uma modificação na LDBEN, que antecipou o acesso das crianças ao Ensino Fundamental aos 6 anos de idade, e a Educação Infantil passou a atender a faixa etária de 0 até 6 anos de idade.

Percebe-se que a criança ganha um espaço, espaço esse que foi conquistado com lutas pela educação, através do novo ordenamento iniciado pela Constituição Federal conferindo à criança um posicionamento como sujeito de direitos. Mas vale ressaltar que antes desse ordenamento pelas Leis vigentes nos anos atuais, o atendimento da criança tinha um caráter assistencialista, tal como identificado nas palavras de Horn:

[...] a educação infantil percorreu um longo caminho, o qual, em certos momentos, vincula-se à saúde em seus pressupostos higienistas; em outros, à caridade e ao amparo à pobreza e, em outros ainda, à educação. Nessa trajetória, toda a política de educação infantil emanada do poder público se caracterizou, de um lado, por um jogo “de empurra” e, de outro, por uma visão assistencialista. (HORN, 2004, p. 13).

Neste sentido a legislação trouxe avanços para o reconhecimento da infância e da criança. Atualmente, além dessas leis já citadas como o ECA, a LDBEN e a Constituição Federal, temos uma série de documentos legais que tratam da educação infantil como o Plano Nacional da Educação- PNE (Lei 13.005/2014) que norteia as políticas de atendimento, além das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica - DCNEI (2009) que trazem normas para orientar o Instituições de Ensino referente ao planejamento curricular, e também a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018).

A BNCC é um documento que norteia o ensino das escolas brasileiras e traça objetivos de aprendizagem a serem alcançados, sendo que, a BNCC no que se refere a Educação Infantil baseia-se nas DCNEI, e deve ser adotada como referência pelas escolas para elaboração de seus currículos.

Atualmente a BNCC, referente à etapa da educação infantil, encontra-se revisada no ano de 2018, sendo aprovada em dezembro de 2017, trazendo direitos como: conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se. E também cinco campos de experiências dos quais são definidos objetivos, saberes e experiências imprescindíveis para aprendizagem e desenvolvimento que devem ser propiciados as crianças na Educação Infantil. São eles: o eu, o outro e o nós, corpo gestos e movimentos, traços, sons, cores e formas, escuta, fala, pensamento e imaginação, espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

No que tange aos direitos às brincadeiras a Base Nacional Comum Curricular (2018) expõe da seguinte maneira:

Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas. Brincar de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), de forma a ampliar e diversificar suas possibilidades de acesso a produções culturais. A participação e as transformações introduzidas pelas crianças nas brincadeiras devem ser valorizadas, tendo em vista o estímulo ao desenvolvimento de seus conhecimentos, sua imaginação, criatividade, experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais. (Retirado da 3º versão BNCC, 2018, p. 37).

Sendo que esse direito de brincar, assim como os outros: conviver, participar, explorar, expressar-se, deve contemplar os campos de experiências que são imprescindíveis para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças buscando assim priorizar as interações e brincadeiras que são eixos estruturantes das práticas pedagógicas de acordo com o artigo 9º da DCNEI (2009).

De acordo com a BNCC (2018) as interações e brincadeiras são experiências que possibilitam às crianças construir conhecimento por meio de ações socializadas com seus pares e com os adultos. No entanto é necessário que o professor adote uma postura intencional nas suas práticas pedagógicas no sentido de “refletir, organizar, selecionar, planejar, mediar, e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças” (BNCC, 2018, p. 37).

É importante observar que esses documentos legais como a Base Nacional Comum Curricular, Plano Nacional da Educação, Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, além de outras legislações vigentes, assim como produções científicas realizadas que corroborem os direitos das crianças, colocam a criança e a educação da criança em um patamar nunca antes alcançado no Brasil, favorecendo a qualidade do atendimento educacional da infância no país.

1.1.1.1 Educação de qualidade na Educação Infantil

Mas afinal, para se ter uma educação de qualidade na Educação Infantil, é necessário somente as leis que asseguram esse direito?

O Ministério da educação instituiu os Parâmetros Nacionais de Qualidade para as Instituições de Educação Infantil (2006) com o intuito de que esse documento seja um referencial para as instituições de ensino.

Para se ter uma educação de qualidade oferecida nas instituições de ensino são necessários vários fatores, dentre eles podemos destacar dois que, nos dias atuais, são bem discutidos e que estão previstos no Parâmetros Nacionais de Qualidade para as instituições de Educação Infantil: 1 - a formação eficaz de professores capazes de saberem lidar com as situações das mais variadas possíveis dentro da sala de aula, e que se sintam desafiados com o trabalho pedagógico no dia - a - dia procurando sempre estar aperfeiçoando suas práticas pedagógicas dentro do ambiente escolar.

Um professor que traz uma bagagem de formação profissional ampla é capaz de ter um olhar mais sensível aos elementos necessários à aprendizagem e desenvolvimento das crianças, pois ele é capaz de entrelaçar conjunto de elementos aprendidos ao longo de sua formação para proporcionar uma educação de qualidade para as crianças nas suas práticas do dia a dia.

Outro aspecto imprescindível para uma educação de qualidade e que, pode-se dizer, é o básico em uma instituição de educação infantil é a organização do espaço, pois um espaço bem organizado permite à criança ser sujeito do processo de ensino/ aprendizagem capaz de se envolver e interagir com o meio que a cerca.

[...] o espaço nunca é neutro, pois carrega em sua configuração, como território e lugar, signos e símbolos que o habitam. Na realidade, o espaço é rico em significados, podendo se “lido” em suas representações, mostrando a cultura em que está inserido através de ritos sociais, de colocação e de uso dos objetos, de relações interpessoais, etc. Por meio da leitura “das paredes e das organizações dos espaços” das salas de aula de instituições de educação infantil, é possível depreender que concepção de criança e de educação o educador tem. (HORN, 2004, p.37).

Nas palavras de Horn (2004) identificamos como o espaço reflete e possibilita diferentes tipos de práticas pedagógicas que são realizadas pelo educador, levando em consideração como o educador enxerga a criança, e que concepções de Educação Infantil ele possui.

CAPITULO 2 - A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NO AMBIENTE ESCOLAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A organização do espaço nas instituições de educação infantil é um tema que atualmente está sendo bastante discutido, e deve ser encarado com responsabilidade tanto por parte das instituições escolares, quanto por parte dos professores em sala de aula, pois a aprendizagem significativa depende de uma relação espaço/tempo levando em consideração as singularidades das crianças pequenas.

Na contemporaneidade, ainda existem muitas escolas que seguem modelos de colocar as crianças em filas, reprimindo o diálogo entre elas, e as interações sociais, com o foco somente nos conteúdos ou até mesmo no controle do corpo das crianças, não dando a devida importância às coisas básicas, mais essenciais, tais como as relações interpessoais estabelecidas, os movimentos, e as formas de expressão dos sujeitos dentro de um espaço/ambiente capaz de favorecer os processos de ensino e de aprendizagem.

Neste capítulo, iremos abordar a organização do espaço como requisito básico e necessário para o ensino e a aprendizagem na educação infantil, aspecto previsto também na legislação e em documentos legais, para que as crianças possam se desenvolver, e ter uma educação de qualidade, levando em consideração que o espaço pode ser também objeto de planejamento do professor na medida em que este professor esteja atento a esse aspecto, com um olhar mais sensível aos objetos posto em sala de aula, e de que maneira eles podem contribuir para ensino e aprendizagem das crianças.

A respeito disso Horn salienta que

O olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como as crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica. Aliás, o que sempre chamou minha atenção foi a pobreza frequentemente encontrada nas salas de aulas, nos materiais, nas cores, nos aromas; enfim, em tudo que pode povoar o espaço onde cotidianamente as crianças estão e como poderiam desenvolver-se nele e por meio dele se fosse mais bem organizado e mais rico em desafios. (HORN, 2004, p.15).

Neste sentido de acordo com Horn (2004) o olhar atento do professor é imprescindível, e a organização do espaço deve ser adotada como parte da prática pedagógica do professor no seu dia a dia dentro de uma sala de aula na educação infantil.

A sala de aula é um ambiente diversificado capaz de proporcionar para as crianças experiências diversas, todavia, para que essas experiências aconteçam, devemos levar em consideração um espaço bem estruturado, que permita que a criança possa manter relações com o outro, e acesso à cultura, seja por meio de objetos como livros disponíveis na sala de aula, ou até por cantinhos organizados para que as crianças possam brincar, e manter uma relação dialógica com o meio que as cercam. Assim, serão capazes de participar e intervir no que acontece ao seu redor, se tornando sujeitos ativos e sociais, e, dessa forma, se desenvolver e adquirir conhecimento.

2.1 Indicadores de qualidade do espaço na Educação Infantil

As instituições escolares de Educação Infantil devem ser atentas ao espaço como um conjunto de mecanismos capazes de favorecer a aprendizagem.

Neste sentido alguns indicadores são capazes de nos mostrar como aquela instituição e seus funcionários como professores, coordenadores, zeladores, porteiros, diretores encaram a forma organizacional do espaço como algo capaz de proporcionar para as crianças experiências boas, que irão estabelecer o cenário da aprendizagem.

Um dos indicadores de qualidade do espaço que é algo básico e essencial é a organização estrutural da sala de aula, pois as crianças da Educação Infantil passam uma boa parte de seu tempo dentro da sala de aula, assim, a iluminação, a ventilação, a limpeza, e segurança dos objetos expostos na sala devem estar em boas condições e serem adequados às especificidades das crianças.

Nos espaços externos como banheiros, lavatórios de mãos, são necessárias adaptações de acordo com a faixa etária das crianças para que elas consigam alcançar e fazer suas necessidades. Os parques de areias que são muito importantes nas instituições de Educação Infantil também precisam oferecer segurança em seus escorregadores, e escaladores, além dos objetos disponíveis para que não ofereçam nenhum risco à integridade física e psicológica da criança.

Nos espaços externos da escola é necessário haver espaços verdes e áreas ao ar livre para a criança entrar em contato com a natureza desde muito cedo. Vários estudos indicam que quando a criança entra em contato com a natureza ela desenvolve o seu sistema imunológico, além disso, a natureza tem importância pedagógica educacional nas escolas como aliada ao professor em suas práticas pedagógicas do ensino.

Dentro dos espaços internos como da sala de atividades, sala de vídeo, ou laboratório há uma necessidade de arranjos como: os cantinhos para leitura com livros disponíveis para que a criança possa entrar em contato de acordo com sua vontade e interesse, cantinhos para roda de conversas, cantinhos para jogos e brincadeiras, cantinhos para o descanso entre outros, pois esses cantinhos são essenciais para aprendizagem e desenvolvimento da criança, além de permitir as interações entre pares entre criança/criança, adulto/criança.

O professor deve saber intervir nesses espaços por meio da rotina que é algo muito importante para que a criança possa desfrutar semanalmente de todos esses espaços. Em relação ao aspecto da rotina Horn (2004) salienta:

A organização da rotina se faz, principalmente, a partir dos horários destinados à alimentação, à higiene, ao sono e às atividades individuais e coletivas das crianças, tendo como referência básica a organização das salas em cantos e recantos, o que permite a atuação do adulto, com bastante descentração de sua figura frente aos alunos. Os cantos considerados fixos são o da casa de bonecas, o da biblioteca, o da higiene, o da música. Ao lado desses destes, existem os que vão mudando conforme o projeto desenvolvido pela professora, ou conforme datas comemorativas importantes, ou conforme o interesse das crianças. [...]. (HORN, 1998, apud HORN, 2004, p.34).

A rotina poderá ajudar a criança a se situar no tempo e no espaço, sendo que permite ainda o professor desenvolver seu planejamento pedagógico com base em um tempo cronológico por datas comemorativas, como carnaval, aniversário das crianças, dia do professor, dia do estudante, entre outros, proporcionando assim vivências diversificadas ao longo da semana. Todavia a rotina é importante, mas o professor em suas práticas pedagógicas deve ter autonomia para mudar essa rotina, e ter a consciência de que não necessariamente todos os seus educandos devem fazer as mesmas atividades, ou fazerem todas as atividades propostas ao mesmo tempo, como salienta Horn (2004).

Os indicadores tais como infraestrutura, cantos temáticos, decorações, rotina são imprescindíveis para a Educação Infantil, levando em consideração as peculiaridades do público alvo. A infraestrutura básica, bem como os cantos, e as decorações da sala de aula podem ser aliados na hora em que o professor vai fazer a roda de conversa, contações de estórias, e o tempo pode ser um aliado na medida em que o professor o usa a seu favor, e também a favor das crianças para que elas desfrutem de todos os espaços da escola na rotina semanal.

Porém o papel do professor frente a esses espaços também é muito importante, pois na medida em que ele intervém nesses espaços seja para melhorar, seja para construir novos espaços dentro ou fora da sala de aula, ele vai contribuir com a aprendizagem da criança.

Parece essencial sempre pensar em espaços que ofereçam acessibilidade para as crianças, pois isso ajuda a criança desenvolver autonomia e ir em busca de seus interesses para se desenvolver.

Desenvolver um olhar sensível e atento para as crianças como seres em processo de desenvolvimento, psicológico, físico, emocional, intelectual, adotando postura de mediador entre o espaço, o ensino e a aprendizagem parece ser essencial para o bom trabalho na Educação Infantil.

2.2 Espaço é ambiente?

Quando se fala em espaços, o que nos vem a memória são os espaços onde as atividades das instituições escolares são realizadas, como os cantinhos de leitura/ de roda de conversa, móveis, objetos, decorações, ou seja, todos os lugares que podem existir em uma instituição de educação infantil, seja espaço internos ou externos. Porém é importante salientar que espaço e ambiente são coisas diferentes, mas que estão interligadas. Forneiro (1998) traz essa distinção e concepção diversa do que se entende por espaço e ambiente.

O termo espaço refere-se ao espaço físico, ou seja, aos locais para atividade caracterizados pelos objetos, pelos materiais didáticos, pelo mobiliário e pela decoração. Já o termo ambiente refere-se ao conjunto de espaço físico e as relações que se estabelecem no mesmo (os afetos, as relações interpessoais entre as crianças, entre crianças e adultos, entre criança e sociedade em seu conjunto). (FORNEIRO, 1998, p.232 a 233).

Neste sentido, o espaço e o ambiente não podem ser dissociados um do outro, pois o espaço não é neutro, e está caracterizado pelas relações interpessoais que acontecem dentro dele. Sendo assim na medida em que o espaço é organizado de maneira a proporcionar relações interpessoais ele vai se tornar um ambiente capaz de gerar afetos, odores, e cores que irão caracterizar o tipo de aprendizagem que pode resultar dessa organização. Assim,

O espaço é entendido sob uma perspectiva definida em diferentes dimensões: a física, a funcional, a temporal e a relacional, legitimando - se como elemento curricular. A partir desse entendimento, o espaço nunca é neutro. Ele poderá ser estimulante ou limitador de aprendizagens, dependendo das estruturas espaciais dadas e das linguagens que estão sendo representadas. Nesse sentido, o ambiente de aprendizagem influencia as condutas das crianças pequenas de forma distinta, isto é, enquanto alguns incitam o movimento, por exemplo, outros trarão uma mensagem de mais tranquilidade e repouso. (HORN,2004, p.35).

A dimensão física, de acordo com Forneiro (1998), refere-se ao aspecto palpável ou material do ambiente, como sala de aula, janela, pisos, cadeiras e etc.

A dimensão funcional refere-se ao modo de utilização desses espaços e materiais, e para que são utilizados, e a dimensão temporal, refere-se à organização do tempo e em quais momentos os espaços vão ser utilizados como: o tempo de leitura no cantinho de leitura, o tempo de descanso no cantinho de descanso, entre outros.

A dimensão relacional refere-se ao modo como esses espaços se organizam para proporcionar interações entre as crianças e os adultos, e está relacionado também com o tipo de espaço capaz de proporcionar ou facilitar essas relações. Sendo assim um ambiente só irá existir se houver essa inter-relação entre essas quatro dimensões, sendo que essas dimensões físicas, funcional, temporal, e relacional vai compor o ambiente da sala de aula.

De acordo com Horn (2004) a maneira como o espaço/ambiente é organizado diz muito sobre o tipo de pessoa, suas convicções, paixões que ela possui. Neste sentido, quando visitamos alguma instituição escolar e identificamos como o espaço em si está organizado já começamos a ter algumas impressões do tipo de trabalho que é realizado nesta escola, que tipo de funcionários e formações acadêmicas eles podem ter, pois como já mencionado acima, o espaço não é neutro, e é capaz de carregar histórias, valores, paixões, dedicações, comprometimento que um determinado funcionário(a) ou educador(a) possui referente à educação.

Todavia não bastam essas dimensões relacionais que compõem o ambiente, pois o professor da educação infantil precisa adotar uma postura ativa no sentido de estar sempre adaptando, reconstruindo, planejando o ambiente frente a essas dimensões.

Em relação aos objetos como brinquedos, ou livros disponíveis na sala de aula o professor deve se atentar a maneira como eles estão expostos, se eles estão ao alcance das crianças, e até mesmo se eles favorecem a relação entre pares adulto/criança, criança/criança. “Não basta organizarmos o espaço em cantos temáticos e colocarmos jogos e materiais à disposição das crianças sem que o professor tenha consciência do desafio que isso impõe a elas” (HORN, 2004, p.116).

2.3 Os espaços organizados e planejados pelo professor

Os espaços das instituições de ensino da Educação Infantil podem ser organizados e planejados pelo professor no seu planejamento do dia a dia para facilitar a interação das crianças com as outras crianças e com os adultos e, também, com objetos como mobiliários

que estão postos nesses espaços, sendo que, quando o professor planeja o espaço ele está automaticamente transformando esse espaço em um ambiente, pois ele precisa pensar na dimensão física, funcional, temporal, e relacional desses espaços, de maneira que essas dimensões entrem em sintonia umas com as outras tornando esse espaço um ambiente vivo e formador. O espaço pode se tornar formador no sentido de que “ele poderá ser estimulante ou limitador de aprendizagens, dependendo das estruturas espaciais dadas e das linguagens que estão sendo representadas.” (HORN, 2004, p.35)

Dessa maneira, o professor poderá planejar esse espaço no seu dia a dia de trabalho para que se torne algo que contribua com o processo de ensino e aprendizagem das crianças, bem como o seu desenvolvimento e suas relações interpessoais.

Assim não basta apenas o ambiente estar bem organizado e estruturado, mas também da maneira que esse espaço vai ser usado, do planejamento realizado pelo professor pensando nesse espaço para que ele se torne cenário de aprendizagem.

A organização do trabalho pedagógico incluindo materiais, ambientes, tempos é identificada no Currículo em Movimento da Educação Básica/Infantil do Distrito Federal que indica o que é necessário ser pensado e organizado.

Os ambientes da Educação Infantil têm como centro a criança e precisam ser organizados em função de suas necessidades e interesses, inclusive com mobiliário adequado. É interessante que permitam explorações individuais, grupais, simultâneas, livres e ou dirigidas pelos profissionais. Para tanto, é fundamental que os ambientes sejam organizados para favorecer: • construção da identidade da criança como agente que integra e transforma o espaço; • desenvolvimento da independência. Por exemplo: tomar água sozinha, alcançar o interruptor de luz, ter acesso a saboneteira e toalhas, circular e orientar-se com segurança pela instituição; • amplitude e segurança para que a criança explore seus movimentos corporais (arrastar-se, correr, pular, puxar objetos, etc.); • possibilidades estimuladoras dos sentidos das crianças, em relação a odores, iluminação, sons, sensação tátil e visual, entre outros; • observância da organização do espaço para que seja um ambiente estimulante, agradável, seguro, funcional e propício à faixa etária; • garantia da acessibilidade a crianças e adultos com visão ou locomoção limitadas; • organização que evite, ao máximo, acidentes e conflitos; • renovação periódica mediante novos arranjos no mobiliário, materiais e elementos decorativos. (CMEBI, 2013, p. 46 - 47).

De acordo com o Currículo em Movimento da Educação Básica/Infantil (2013) percebe-se que no planejamento do espaço, o professor deve levar em consideração também as necessidades e interesses das crianças. O ambiente da sua sala de aula, ou da escola pode ser adaptado de maneira que as crianças possam se inserir no contexto daquele espaço, e participar das atividades como sujeitos autônomos e capazes. Essa organização favorece aos

sujeitos sentirem-se necessariamente parte desse contexto, podendo assim se apropriar da cultura e do meio em que estão inseridos.

O tempo também deve ser objeto de planejamento do professor para que as crianças desfrutem desses diferentes espaços.

Quando a criança tem a oportunidade de participar, no cotidiano, de situações que lidam com duração, periodicidade e sequência, ela consegue antecipar fatos, fazer planos e construir sua noção de tempo. É importante que o planejamento e as práticas pedagógicas levem em conta a necessidade de:

- diminuir o tempo de espera na passagem de uma atividade para outra;
- evitar esperas longas e ociosas, especialmente ao final da jornada diária;
- flexibilizar o período de realização da atividade, ao considerar os ritmos e interesses de cada um e ou dos grupos;
- distribuir as atividades de acordo com o interesse e as condições de realização individual e coletiva;
- permitir a vivência da repetição do conhecido e o contato com a novidade;
- alternar os momentos de atividades de higiene, alimentação, repouso; atividades coletivas (entrada, saída, pátio, celebrações, festas); atividades diversificadas (brincadeiras e explorações individuais ou em grupo); atividades coordenadas pelo professor (roda de conversa, hora da história, passeios, visitas, oficinas etc); atividades de livre escolha da criança, ainda que supervisionadas pelos profissionais. (CMEBI, 2013, p. 48).

Assim sendo o professor pode ser um agente capaz de planejar o ambiente em que vão acontecer processos de ensino e aprendizagem tendo o espaço como aspecto do planejamento diário de seu trabalho pedagógico nas instituições de educação infantil. Dessa forma, os encontros de culturas, as interações e trocas de conhecimento são favorecidos e os sujeitos passam a estar inseridos no ambiente como cidadãos de direitos de uma educação de qualidade.

CAPITULO 3 - O ENSINO, A APRENDIZAGEM, E O DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA RELAÇÃO COM O ESPAÇO/AMBIENTE

O processo de ensino e aprendizagem na educação infantil é algo complexo na medida em que passamos a entender que ele depende de vários fatores. São inúmeros e necessários aspectos para que o ensino e a aprendizagem aconteçam de maneira efetiva e de qualidade, respeitando assim o sujeito em suas especificidades.

Desse modo levando em consideração, o complexo processo de ensino e aprendizagem, os professores devem ter clareza de que a aprendizagem não está somente ligada aos processos e as capacidades intelectuais dos sujeitos, mas como salienta Mitjans Martínez e González Rey (2017) está ligada também aos processos subjetivos de cada sujeito, assim como suas condições de vida, como, aspectos de sua vida familiar em que as crianças estão envolvidas.

Neste sentido, o entendimento por parte dos professores em relação ao aspecto subjetivo da aprendizagem poderá favorecer o ensino e a aprendizagem, todavia, “a falta de clareza sobre esses aspectos não contribui para o delineamento de estratégias pedagógicas que poderiam ser realmente mais efetivas” (MITJÁNS MARTINEZ; GONZÁLEZ REY, 2017, p.60).

Desse modo um professor comprometido com uma educação de qualidade se organiza também em função de sua própria formação em uma educação continuada, em cursos de capacitações e formações para procurarem esclarecer que a aprendizagem não depende somente da intencionalidade do professor de ensinar, mas depende também de estratégias pedagógicas eficazes que ajudem os educandos a desenvolver aspectos subjetivos sobre a aprendizagem e sua relação com os espaços sociorelacionais dos indivíduos.

Espaços esses como a escola, a família, a comunidade, entre outros, que têm características sociorelacionais e poderão contribuir para a aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil. De acordo com esse pensamento:

O professor deve, por todos os meios, incentivar a curiosidade, o questionamento, a reflexão, a imaginação [...] igualmente deve valorizar o esforço e a produção própria dos alunos, colocando os em situações potencialmente desafiadoras, e dando feedback e orientações pertinentes. Trabalhar na direção de contribuir para a sala de aula se converter em um lugar potencial de produção de sentidos subjetivos. (MITJÁNS MARTINEZ; GONZÁLEZ REY, 2017, 157).

Assim é necessário se pensar em espaços/ambientes e nas relações que esses espaços apresentam em relação à aprendizagem das pessoas que aí convivem.

3.1 A relação entre a organização do espaço e as interações sociais

A organização do espaço na educação infantil interfere diretamente nas relações entre pares, relações entre criança/criança adulto/criança na medida em que o espaço é pensado e planejado para que essas relações aconteçam de maneira espontânea, no qual a criança possa expressar sua autonomia, e interagir com a cultura socialmente elaborada pelo meio que a cerca. De acordo com essa ideia Vieira salienta que:

O espaço físico é visto como pano de fundo das relações e desempenha um papel importante na aprendizagem, ou seja, o espaço condiciona as relações entre as pessoas e as atividades, o ritmo e o tempo, dependendo do contexto nele organizado, é visto como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da educação infantil que garanta o direito a infância e uma educação de qualidade. (VIEIRA, 2009, p.17).

Partindo dessa perspectiva devemos pensar na criança como sujeito que participa e intervém no que acontece ao seu redor, um ser ativo e social, que a partir de suas interações no espaço e com o outro, vai se apropriando da cultura e adquirindo novas aprendizagens (Vygotsky, 1984).

Neste sentido, o professor deve pensar sempre nessa organização visando um ambiente propício às interações das crianças com as outras crianças e também com o adulto, pois essa organização irá favorecer também o trabalho do professor nas suas práticas pedagógicas no dia a dia com as crianças.

Todavia quando falamos em aprendizagem não podemos nos restringir a algo que é transmitido ou repassado para a criança, e sim de acordo com o pensamento de Vygotsky (1984) algo que é construído a partir da relação do sujeito com o meio social, pois como já salientado a criança é um ser ativo e social que necessita de estabelecer relações com o outro, com a cultura que a cerca, para construir a aprendizagem e se desenvolver adequadamente.

Esse meio social que a criança entra em contato está presente também nas instituições de ensino, através de todos os que integram a escola, como: professores, alunos e funcionários em geral. Todavia é necessário a organização desses espaços sociais, pois como argumenta Horn “a forma como organizamos o espaço nas salas de aula e nos demais espaços coletivos da escola possibilita ou inibe interações sociais”. (HORN, 2004, p.85).

3.2 Cantinhos propícios á interação aprendizagem e desenvolvimento

No ambiente das instituições escolares é possível o professor ou até mesmo os demais funcionários como coordenadores, organizar cantinhos onde as crianças possam brincar fazendo uso de sua autonomia e criatividade.

Na sala de aula é possível o professor organizar um cantinho para leitura, em que podem ficar disponíveis livros de literatura infantil de fácil acesso para que a criança possa entrar em contato quando sentir vontade, ou necessidade.

O cantinho para roda de conversa é necessário na educação infantil, pois permite ao professor o diálogo com seus alunos atento às necessidades e dinâmicas geradas a partir dessas conversas como forma de aperfeiçoamento de seu trabalho dentro de sala de aula.

Já o cantinho para contação de histórias permite à criança entrar em contato com o mundo da imaginação, fantasia e cultura literária. Além de outros cantinhos que Horn (2004) denomina de cantos temáticos como o da boneca, o da biblioteca, entre outros.

Segundo Horn, esses cantos poderão facilitar a interação das crianças com o meio que as cercam, e também o trabalho cooperativo entre o professor e seus alunos, sendo que esses espaços poderão ser modificados e transformados por meio da dinâmica gerada pelas atividades do dia-a-dia. “Assim, o tapete, que serve para fazer a roda e ouvir estórias poderá se transformar na sala de uma casa montada pelas crianças; as mesas, em uma escola, e assim por diante.”(Horn, 2004, p.86).

Um grande fator de importância também é a decoração desses cantos de maneira que chamem a atenção da criança, pois de nada adianta uma sala de aula ter esses cantinhos e as crianças não se sentirem motivadas, ou curiosas, para desfrutar desses espaços. Assim esses cantos necessitam também de uma sensibilidade estética, pois segundo Forneiro (1998) espaços organizados e pensados desta maneira tornam um ambiente agradável, e são capazes de “educar” a sensibilidade estética e artística das crianças.

Para exemplificar essa sensibilidade estética Forneiro traça alguns aspectos a serem considerados como: as cores, dando preferência para as que são vivas e atraentes, ser original e criativo, pois necessariamente um espaço criativo poderá despertar também a criatividade da criança, ser personalizado, dando a oportunidade para as próprias crianças participarem da decoração. Desse modo, os próprios trabalhos e atividade da criança podem ser elementos de decoração das paredes da sala de aula valorizando a criança e sua identidade pessoal, todavia, isso não deve ser encarado como uma receita a ser seguida pelo professor, pois segundo Horn

(2004) cada escola possui um espaço diferente, possui um contexto institucional diferente, e também interesses e desejos por parte das pessoas que a compõem, que deverão ser levados em consideração na hora de organizar o espaço.

Os espaços também podem ser personalizados pela própria criança, pois isso poderá despertar o interesse e o gosto de estar desfrutando desse espaço agregado a um trabalho cooperativo entre professores alunos e demais funcionários da instituição escolar, que estão imbricados no processo de ensino e aprendizagem da criança.

O ambiente das instituições escolares de Educação Infantil organizado e planejado para a criança, ou de acordo com as necessidades da criança permite, assim, uma relação dialógica e interativa entre os sujeitos, e pode servir como um instrumento de apoio às práticas pedagógicas diárias do professor, visto que os espaços podem ser modificados até pela própria criança, de acordo com seus interesses, ou pela dinâmica gerada dentro da sala de aula, pois dessa maneira irá permitir a criança vir a ser sujeito do processo de ensino e aprendizagem.

Assim os cantos temáticos são importantes, porém devemos entender como acontece também o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos sujeitos. Retomando as ideias de Vygotsky (1984) ao considerar a criança como sujeito, produto e produtor de cultura, que traz consigo uma história antes mesmo de frequentar a escola, é preciso enxergá-la como um ser humano que já está em processo de aprendizagem e desenvolvimento desde os seus primeiros momentos de vida.

Assim Vygotsky (2010) considera que a aprendizagem e o desenvolvimento estão interligados em uma relação necessária, sendo que o sujeito pode se encontrar, em dois níveis de desenvolvimento. O primeiro é denominado de nível de desenvolvimento efetivo que está relacionado ao “nível de desenvolvimento das funções superiores psicointelectuais da criança que se conseguiu como resultado de um específico processo de desenvolvimento, já realizado” (Vygotsky, 2010, p.111).

E o segundo é denominado de área de desenvolvimento potencial que está relacionado ao processo de maturação, ou ativação de grupos de processo de desenvolvimento os tornando funções consolidadas. Dessa maneira “o processo de desenvolvimento não coincide com o da aprendizagem, o processo de desenvolvimento segue o da aprendizagem, que cria a área de desenvolvimento potencial” (Vygotsky, 2010, p.116).

Levando em consideração o pensamento do autor a aprendizagem não vem primeiro que o desenvolvimento ou vice-versa, mas possui uma relação necessária, e cabe à escola e aos professores, não só da educação Infantil, mas aos professores de modo geral, prestar

atenção nos processos psicointelectuais do sujeito em suas práticas pedagógicas, e traçar estratégias que auxiliem nesse processo, levando em consideração os ambientes sociorelacionais em que vão acontecer o ensino, a aprendizagem e o desenvolvimento dos sujeitos, aqui considerado as crianças e professor(a).

CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

4.1 Temática da pesquisa, Problema da pesquisa, objetivo geral e específicos

Este trabalho de conclusão de curso aborda o seguinte tema: Relações interpessoais, práticas pedagógicas e aprendizagem: o espaço/ambiente na Educação Infantil.

Desse modo a partir do contexto da escola e das observações do espaço/ambiente da sala de aula da turma em que foi acompanhada surgiu à seguinte problemática da pesquisa:

De que forma a organização do espaço na Educação Infantil se expressa na aprendizagem e desenvolvimento das crianças? e quais aspectos o professor deve levar em consideração em suas práticas pedagógicas na organização do espaço/ambiente ?

Desse modo foi estabelecido o seguinte objetivo geral:

Compreender aspectos da organização do espaço/ambiente na Educação Infantil, levando em consideração o espaço/ambiente planejado pelo professor em suas práticas pedagógicas que tenham valor para as interações sociais, aprendizagem e desenvolvimento.

E também os objetivos específicos:

Identificar as implicações que a organização do espaço tem no ensino e aprendizagem na Educação Infantil.

Verificar a contribuição dos objetos dispostos no espaço para a interação entre pares criança/criança, adulto/criança.

Refletir sobre a organização do espaço como prática pedagógica do professor no seu diaadia.

Este trabalho consiste em um relato de experiência, e visa considerar as minhas observações e práticas pedagógicas durante o estágio docente supervisionado com crianças do 1º período da educação Infantil na Escola pública Jardim de Infância e Casa de Vivência da cidade de Planaltina - DF, para compreender a relação entre aspectos empíricos e teóricos sobre a temática.

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos delimitados acima, a modalidade de pesquisa utilizada foi a pesquisa qualitativa com procedimentos através do estudo de caso e relato de experiência a partir do processo de estágio supervisionado docente durante o projeto 4 fase 1 e 2 com crianças do 1º período na escola Jardim de Infância e Casa de Vivência de Planaltina- DF.

5.1 Pesquisas qualitativa

Segundo Triviños (2010), na década de 70 em alguns países da América Latina surgiu o interesse pelos aspectos qualitativos em educação, pois segundo o autor “o ensino sempre se caracterizou pelo destaque de sua realidade qualitativa, apesar de manifestar-se frequentemente através de medições, de quantificações (porcentagens de analfabetos, de repetentes, do crescimento anual da matrícula, [...])” (TRIVIÑOS, 2010, p.116). Assim houve a necessidade de teorias e posicionamentos que fizessem avançar as pesquisas sociais propondo perspectivas diferenciadas para entender seus fenômenos, inclusive em pesquisas em educação.

De acordo com Triviños (2010) toda pesquisa pode ser qualitativa e quantitativa ao mesmo tempo, todavia, nem sempre pesquisas qualitativas precisam trazer informações estatísticas, pois elas possuem “objetividade e validade” conceitual que contribui de forma bastante explícita nos estudos científicos.

Triviños (2010) ressalta algumas características da prática de investigação qualitativa de fundamentos fenomenológicos, e natureza histórica - estrutural dialética da seguinte maneira.

Em primeiro lugar, a pesquisa qualitativa não segue sequência tão rígida das etapas assinaladas para o desenvolvimento das pesquisas quantitativas. Pelo contrário. Por exemplo: a coleta e a análise de dados não são divisões estanques. As informações que se recolhem, geralmente, são interpretadas e isto pode originar a exigência de novas busca de dados. Esta circunstância apresenta-se porque o pesquisador não inicia seu trabalho orientado por hipóteses levantadas a priori cuidando de todas alternativas possíveis, que precisam ser verificadas empiricamente, depois de seguir passo a passo o trabalho que, com as metas, têm sido previamente estabelecidos. As hipóteses colocadas podem ser deixadas de lado e surgir outras, no achado de novas informações, que solicitam encontrar outros caminhos. Desta maneira, o pesquisador tem a obrigação, se não quer sofrer frustrações, de estar preparado para mudar suas expectativas frente ao seu estudo. O denominado “relatório final” da pesquisa quantitativa naturalmente que

existe na pesquisa qualitativa, mas ele se vai constituindo através do desenvolvimento de todo o estudo e não é exclusivamente resultado de uma análise última dos dados. (TRIVIÑOS, 2010, p.131).

Assim é importante salientar que o pesquisador deve apresentar fundamentação teórica que vai dar a base para a continuidade da sequência da pesquisa, bem como, ajudar na discussão dos resultados.

O estudo de caso é um tipo de pesquisa qualitativa e se caracteriza por estudar algo em específico, mais claramente Triviños salienta que o estudo de caso é uma categoria de pesquisa que pode estudar um sujeito, uma escola, uma instituição de maneira mais aprofundada, sendo que o estudo deve ter relevância e importância social.

Assim dentro da modalidade da pesquisa qualitativa existe o estudo de caso, sendo que essa pesquisa é um estudo de caso a partir do relato de experiência do estágio supervisionado docente do curso de pedagogia.

5.2 Relato de experiência

Durante o estágio supervisionado docente obrigatório do projeto quatro fases 1 e 2 o interesse pelo tema dessa pesquisa foi surgindo a partir das observações dos espaços/ambientes internos e externos disponíveis na instituição de Educação Infantil, surgindo desse modo a problemática da pesquisa que é de que forma a organização do espaço na educação infantil se expressa na aprendizagem e desenvolvimento das crianças? e quais aspectos o professor deve levar em consideração em suas práticas pedagógicas na organização do espaço/ambiente.

Durante o estágio supervisionado foi acompanhado uma turma do 1º período da Educação Infantil, sendo que o estágio supervisionado representa dois semestres do curso de pedagogia da Universidade de Brasília-UnB. Assim durante o segundo estágio, que compreende a fase 2 que aconteceu nos meses de abril, maio e junho de 2017, comecei a observar como o espaço interferia nas relações entre pares (criança/criança, adulto/criança), e na aprendizagem das crianças. Dessa forma, foi se constituindo a pergunta da pesquisa que me levou a observar, fazer anotações em um diário pessoal das atividades realizadas nos diferentes espaços, bem como, planejar atividades junto com a professora da turma do 1º período, levando em consideração os espaços disponíveis na escola, buscando “Compreender aspectos da organização do espaço na educação infantil, levando em consideração o

espaço/ambiente planejado pelo professor em suas práticas pedagógicas que tenham valor para as interações sociais, aprendizagem e desenvolvimento”.

Comecei a observar as relações das crianças com o espaço e planejar atividades junto com a professora da turma que compreendessem os diferentes espaços da escola, incluindo atividades nos ambientes internos e externos da escola para compreender as relações que poderiam acontecer nesses espaços bem como a contribuição dessas relações para o ensino e aprendizagem das crianças.

As minhas observações e práticas pedagógicas na instituição de Educação Infantil aconteceram durante o período vespertino acompanhando, observando e participando de forma ativa em todas as atividades incluindo brincadeiras e descanso das crianças que compreendeu um total de 90 horas semestrais divididas em 2 dias por semanais com duração de 4h e 30min dentro de cada espaço/ambiente da instituição escolar, assim como as relações estabelecidas dentro desses espaços que contribuiu de maneira significativa para minha formação docente.

5.3 Caracterizações da escola e do espaço escolar

A instituição em que foi realizado a pesquisa durante a realização do estágio supervisionado docente do Projeto 4 foi uma escola pública situada na Região Administrativa de Planaltina - DF, cujo nome é Jardim de Infância e Casa de Vivência.

Essa instituição de ensino é frequentada por crianças de faixa etária entre 4/5 anos de idade que fazem respectivamente o 1º e o 2º período da Educação Infantil, estando assim, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, 1996). Seus horários de funcionamento estão compreendidos entre o turno matutino e vespertino com aproximadamente 400 crianças divididas entre os dois turnos.

A instituição de ensino possui um trabalho muito importante com a Literatura com contação de histórias semanais para as crianças, este trabalho é feito através dos projetos que a escola desenvolve. Um dos exemplos é o projeto Chega Mais que acontece antes da entrada das crianças para as salas de aula, em que as crianças se reúnem no pátio para ouvir e participar das histórias, músicas, dramatizações e etc. Há também o projeto da Maleta Viajante que é desenvolvido por cada professor com suas turmas específicas. Outro ainda é o projeto Hora Alegre em que cada professor trabalha com sua turma específica ensaiando músicas infantis, dramatizações e histórias para as crianças apresentarem em uma data

específica no pátio da escola, que é o local em que as crianças se reúnem na chegada à escola e no horário de ir embora.

A instituição de ensino possui um corpo de profissionais formados por professores, orientadores educacionais, coordenadores pedagógicos, secretários, diretor/vice-diretor, porteiros, merendeiros, auxiliares de serviços gerais, entre outros, que são as pessoas responsáveis pelos seus serviços e que buscam trabalhar de maneira harmoniosa e cooperativa.

Quando as crianças do turno Vespertino (turno em que foi realizada a pesquisa) chegam na escola elas são recepcionadas pelo projeto Chega Mais, e logo depois elas vão para as salas de aula, lá permanecem com os professores fazendo atividades em sala até no horário das 15h e 30min que é o horário da merenda escolar, e logo depois elas vão desfrutar dos espaços externos da escola.

Essa instituição, como o próprio nome já diz, busca proporcionar vivências diferenciadas para as crianças em que lá estudam, com parques de areia, áreas verdes, piscina, dois pátios grandes, casa de boneca, e até uma mini fazendinha com diferentes animais, como: cabritos, coelhos, jabuti, e galinhas dando a possibilidade das crianças entrarem em contato e conhecer desde pequenos essas espécies e seus benefícios na cadeia da vida.

A instituição é composta por todos esses espaços/ambientes diferenciados citados acima, (parques de areia, piscinas, fazendinha), além de salas de vídeo, sala de informática, sala de recursos, sala de professores, salas de coordenação e direção, além de banheiros adaptados para as crianças, com vasos pequenos, lavatórios baixos, entre outros espaços.

Esses espaços são importantes, pois permitem à criança desfrutar de maneira autônoma das relações que são estabelecidas nesses espaços que se transformam em ambientes na medida em que são estabelecidas relações interpessoais, se tornando ambientes acolhedores e acolhedores, capazes de despertarem o imaginário, a fantasia, a emoção, bem como outros aspectos que percebemos que fazem parte da aprendizagem e desenvolvimento Infantil, como os afazeres básicos do dia-a-dia que nessa faixa etária a criança deve aprender como: lavar as mãos, escovar os dentes após as refeições, usar o banheiro, entre outros.

Nas salas de atividades as crianças fazem usos de carteiras e cadeiras com altura adequada, de maneira que fiquem em posturas eretas para conseguir fazer as atividades com comodidade e conforto. A instituição conta também com Tv's, aparelhos de DVD, rádio, computadores para auxiliar os professores durante as atividades desenvolvidas com os alunos, brinquedos pedagógicos como lego, blocos de montar, massinhas de modelar, entre outros

brinquedos que se encontra na casa de boneca, como carrinhos, bonecas, ursos de pelúcia, e também nas salas de aula em cantos específicos em que o professor dispõem.

Importante salientar que o Jardim de Infância e Casa de Vivência foi criado pela demanda e necessidade da população. A princípio não era adaptada para ser uma instituição de Educação Infantil, pois era a residência oficial do administrador da cidade, contudo, o espaço residencial foi doado e a inauguração ocorreu no dia 11 de dezembro de 1990.

Alguns espaços como as salas de atividades não são amplos, todavia, as crianças têm a oportunidade de desfrutarem dos espaços/ambientes externos da instituição como os já mencionados: parques de areia, áreas verdes, fazendinha, entre outros.

O trabalho é desenvolvido da seguinte maneira: as crianças chegam à escola, são acolhidas com músicas, brincadeiras, danças e dramatizações, entram para a sala de atividades ficando aproximadamente duas horas e meia em sala trabalhando a rotina (dia da semana, mês, tempo, hora, chamada), entre outras atividades planejadas pelo professor. Logo após esse período o professor trabalha noções de higiene, (escovar os dentes, usar o banheiro, lavar as mãos) e em seguida as crianças vão para o refeitório, e em seguida desfrutam das outras duas horas e meias nos espaços/ambientes externos de acordo com a escala de rodízio para cada turma, e também de acordo com o planejamento do professor.

5.3 Caracterizações da turma, sala, e trabalho da professora

A turma em que foi realizada a pesquisa foi uma turma do 1º período da educação infantil, com crianças de 4/5 anos de idade com um total de 22 alunos, sendo 12 meninas e 10 meninos. A pesquisa foi realizada por meio das minhas observações e práticas pedagógicas durante o projeto de estágio docente denominado de projeto 04 na faculdade de educação da UnB, sendo que as minhas observações e atuações eram semanais contabilizando duas vezes por semana no período vespertino durante os meses de abril, maio e junho de 2017.

O relacionamento entre as crianças da turma do 1º período da professora que realizei o estágio na fase 02 do projeto 04 é harmônico. É perceptível que no grupo existem algumas crianças que tem mais afinidade umas com as outras, sempre querendo sentar juntas.

Esse aspecto é importante, pois as relações sociais são imprescindíveis para a aprendizagem e desenvolvimento da criança, todavia, algumas crianças que gostavam de se sentarem juntas tinham uma tendência a conversar sobre outras coisas, deixando de fazer as atividades propostas. Às vezes quando as crianças se distraíam muito conversando em relação a outros assuntos, e deixando de lado a atividade proposta, a professora chamava-lhes a

atenção perguntando o porquê à criança não estava fazendo a atividade, ou em raros momentos os trocavam de lugares colocando-os para se sentarem em outros grupos.

Acredito que é um desafio para o professor a se pensar em como agir nesses momentos, pois o professor não pode deixar uma criança tirar o foco de outras que estão participando da atividade, porém o professor deve refletir em relação ao motivo da atividade proposta não estar sendo interessante para aquela criança naquele momento.

Todavia em outros momentos acho interessante, pois elas tendem a conversar em relação às atividades, algo que é muito importante, pois estão se colocando como sujeitos ativos, que constroem conhecimento nas relações com o outro, e acredito que esse processo não deve ser reprimido pelo professor, e sim estimulado.

A sala é composta por crianças em vários níveis de desenvolvimento. Identifiquei o aluno Gabriel (nome fictício) que se destaca, pois é muito ativo referente ao que está acontecendo ao seu redor, quando a professora fazia alguma pergunta ele era o primeiro a responder às indagações da professora estando sempre à frente de todos.

A instituição e também a professora da turma que eu acompanhei (turma do 1º período com alunos de 4/5 anos de idade) busca fazer um trabalho focado nas linguagens expressas no Currículo em Movimento da Educação Básica/Infantil do DF (2013), entre elas linguagem oral, escrita, musical, corporal, audiovisual, matemática, interações com a natureza e a sociedade, entre outras, buscando o desenvolvimento pleno dos pequenos, considerando ainda que eles se comunicam por meio de múltiplas linguagens. As linguagens são trabalhadas por meio de músicas, contação de histórias, dramatizações, roda de conversa, entre outras atividades, buscando priorizar o convívio entre as crianças, e também um trabalho cooperativo entre todos da escola.

Na sala de atividades as carteiras em que os alunos sentam são organizadas em grupos de quatro crianças, podendo assim interagir com os colegas de sala e também com a professora.

Em relação à dimensão estética da organização do espaço/ambiente destacam-se as paredes da sala de aula que eram cobertas por trabalhos feitos pelas crianças, tinha as formas geométricas como o quadrado, triângulo, retângulo e círculo, feitas em papel (EVA), além do abecedário que ficava colado na parede por cima do quadro branco, com alguns objetos colocados em baixo de cada letra representando as letras do alfabeto.

Nas paredes da sala de atividades havia os numerais de 0 até 9, além de dois painéis, sendo um específico, que era para colocar as fichas com o nome das crianças para a “chamadinha” em um cantinho que ficava perto do quadro, parte da rotina do dia a dia das

aulas, todos os dias era escolhido uma criança para contar quantas fichas com os respectivos nomes das crianças presentes, identificando assim com a ajuda de todos quem tinha comparecido a aula. O outro painel ou cantinho tinha o nome das crianças e suas datas de aniversário.

A sala de atividades tinha também um cantinho que era denominado cantinho da leitura, em que havia uma pequena estante com livros de literatura infantil para as crianças folhearem e utilizarem com autonomia, além de um armário em que ficavam os materiais pedagógicos como folhas, jogos, brinquedos, massinhas de modelar, lápis, tesoura, cola, entre outros que eram utilizados durante os períodos em que as crianças ficavam na sala de aula.

A sala de atividades tinha uma boa iluminação e ventilação, contudo seu espaço era pequeno, sendo que, para a professora realizar algumas atividades era necessário planejar e modificar os lugares em que as carteiras ficavam. Todavia era notável que isso não atrapalhava, pois quando ela ia montar as rodas de conversa, ou de leitura, ela afastava todas as carteiras para as crianças se sentarem no chão fazendo um grande círculo no meio da sala. E explicava que assim as crianças interagiam melhor e participavam das histórias e diálogos, pois elas ficavam mais próximas dos colegas e também dos adultos. Às vezes quando ela queria solicitar algo para a turma ela utilizava a linguagem musical. Como exemplo, quando ela queria que as crianças sentassem no chão ela improvisava uma letra e um ritmo de uma música “bumbum no chão” para que as crianças sentassem no chão. Isso não era para colocar uma ordem, e sim trabalhar através da cooperação entre professor e aluno, pois as crianças sentavam apreciando a música e cantando junto de maneira ritmada.

A professora sempre perguntava o que interessava à criança, se a criança queria brincar, ou qual a cor do lápis que queria utilizar. Além de sempre ouvir e deixar a criança intervir nas atividades e falar de maneira espontânea o que estava sentindo, se tinha gostado ou não, ou o que estava pensando ou imaginando. Esses momentos eram aproveitados para observar a aprendizagem e desenvolvimento da criança, além de estar dando a possibilidade de a criança aperfeiçoar seus saberes.

6.DISCUSSÃO

Este capítulo destina-se a discutir as experiências que tive durante o acompanhamento da turma do 1º período da Educação Infantil da escola Jardim de Infância e Casa de Vivência de Planaltina-DF. Neste sentido durante as observações e práticas pedagógicas chamaram minha atenção o espaço da escola e em como este espaço era organizado para proporcionar experiências diversificadas para as crianças.

Assim no meu planejamento de atividades que era feito junto com a professora da turma buscávamos organizar, planejando atividades pensando nos espaços/ambientes em que iriam ser realizadas as atividades do dia a dia, respeitando assim as dinâmicas geradas dentro desses espaços levando em consideração o interesse das crianças, e os objetivos de aprendizagem contidos na proposta pedagógica da escola.

Na medida em que organizávamos e pensávamos nos espaços/ambientes em que iriam ser realizadas as atividades, pensávamos de que maneira e como os espaços iriam favorecer a relações sociais, a aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

As atividades desenvolvidas foram feitas junto com a professora da turma, e estavam previstas no cronograma da escola. Como a atividade com as figuras geométricas em que realizamos com as crianças no espaço interno como a sala de aula, e nos espaços externos como o pátio da escola. A atividade da germinação da semente que foi desenvolvida no corredor da escola, e na área verde da escola, brincadeiras no parque de areia, que é um espaço externo que as crianças vão para brincar de maneira descontraída, entre outras.

Essas atividades foram desenvolvidas para alcançar o objetivo almejado que é: compreender aspectos da organização do espaço/ambiente na educação infantil, levando em consideração o espaço/ambiente planejado pelo professor em suas práticas pedagógicas que tenham valor para as interações sociais, aprendizagem e desenvolvimento.

6.1 Atividade com as figuras geométricas no espaço/ambiente da sala de atividades

Esta atividade foi desenvolvida por meio de uma história sobre figuras geométricas, cujo autor é desconhecido. Na história, as figuras geométricas: círculo, quadrado, triângulo, retângulos encontram-se em um jardim, solitárias e sozinhas, mas que ao longo da história vão se encontrando e se juntando, montando assim o rosto de um palhaço. Então na medida em que fomos contando a história para as crianças... “Era uma vez um círculo solitário que vivia no jardim das formas... estava triste e encontrou o triângulo que quis ser juntar a ele e

ser o seu chapéu...” íamos montando o rosto do palhaço no papel pardo que tínhamos colado no quadro, sendo que as figuras geométricas do rosto do palhaço já estavam cortadas em diferentes cores.

Durante esta atividade trabalhamos o nome das formas geométricas e também as cores, e procuramos relacionar com o espaço/ambiente da sala de atividades, problematizando através de perguntas como: “você conseguem identificar na sala algum objeto que tem a forma de quadrado, ou triângulo, ou retângulo” explorando assim a organização do espaço da sala de aula e chamando a atenção deles com a intenção de mostrar que os objetos que compõem o espaço também possuem formas e cores. O espaço/ambiente que rodeia as crianças pode ser formador na medida em que são planejados nas práticas pedagógicas do professor para isso.

Um exemplo é o professor sempre buscar decorar ou disponibilizar materiais no espaço/ambiente que possa ajudar a criança nas atividades propostas. Considero importante o professor fazer essa abordagem do espaço/ambiente durante as atividades com as crianças, pois como afirma Horn (2004) de nada adianta um espaço organizado e estático, em que o professor não faça uso desse espaço transformando em um contexto formador que faz parte da aprendizagem.

Nesta atividade, nós como educadoras utilizamos de aspectos como as decorações da sala de aula como as figuras geométricas disponíveis nas paredes para problematizar com a história para que aquela história despertasse a imaginação, o pensamento e a criatividade daquelas crianças

Logo depois convidamos as crianças a construir o próprio rosto do palhaço distribuindo fichas que já estavam desenhadas as figuras geométricas para eles cortarem e montarem cada um em sua folha o seu próprio palhaço.

Neste primeiro dia de trabalho com as formas geométricas os alunos ainda não conseguiam assimilar o nome com o formato. Assim, planejamos atividades seguintes que eles começaram construindo, brincando, recortando, entrando em contato com as formas geométricas e eles começaram a identificá-las, pois começamos a pensar e planejar outros espaços para desenvolver a atividade levando em consideração a atuação daquelas crianças.

Acreditamos que a criança no seu processo de construção da aprendizagem deve participar de forma ativa, e neste sentido cabe a nós professores criarmos espaços/ambientes de “atividades - comunicação” que possibilitem aos alunos a construção de sentidos. “Criarmos espaços de atividades - comunicação que potencialmente possam contribuir para a geração de sentidos subjetivos, que na sua configuração com os outros sentidos gerados em

espaços diferentes da vida do aprendiz possam viabilizar aprendizagem efetiva” (MITJÁNS MARTINEZ; GONZÁLEZ REY, 2017, P.142).

Neste sentido, percebemos que a aprendizagem é um processo complexo que depende de vários fatores, espaços vividos, gostos e interesses, características do contexto familiar e de outros contextos sociorrelacionais dos quais cada sujeito participa.

6.2 Atividade com figuras geométricas no pátio da escola

Esta atividade foi desenvolvida logo após a atividade das figuras geométricas dando continuidade à primeira, todavia, em um ambiente diferente que foi o pátio da escola, usando as mesmas formas geométricas do palhaço que foi construído com as crianças.

O nosso objetivo era dar continuidade à atividade, porém planejamos realizar a atividade em um espaço/ambiente mais amplo como o pátio da escola em que as crianças poderiam se acomodar no chão, sem a necessidade de ficarem em carteiras que exigiam uma postura igual para todos. Assim colocamos as crianças em pequenos grupos e entregando duas de cada forma, por exemplo, dois triângulos, dois retângulos, dois círculos e dois quadrados com cores diferentes (feita por mim com papel dupla face), para cada grupo explicando que eles poderiam montar o que eles quisessem com as formas.

Poderiam montar novamente o rosto do palhaço, ou fazer um castelo, ou uma casa, mas que tinha que ser uma criança ajudando a outra. Às vezes a solução sobre a atividade acabava em divergência pois uma criança queria montar uma coisa diferente do que o grupo queria. Quando acontecia isso tínhamos que intervir dando outras ideias de outras coisas que eles poderiam montar para que eles entrassem em consenso. Logo depois distribuir folhas de papel branco e falamos para eles desenhar o que o grupo tinha montando no chão do pátio da escola, porém cada criança iria desenhar uma parte, como por exemplo, se fosse um robô, alguém iria desenhar a cabeça, o outro os braços e assim sucessivamente.

Essa atividade foi realizada de maneira interativa, em um espaço amplo como o chão do pátio da escola, capaz de propiciar aos alunos trocas de experiências através da cooperação. Essas experiências certamente foram diferentes da primeira atividade, pois nesta atividade o espaço/ambiente foi alterado. As crianças estavam ao ar livre, não estavam sentadas em cadeiras, e sim no chão do pátio da escola, em contato com outras pessoas que passavam por lá, como outras crianças de outras turmas que sempre quando passavam pelas crianças e pelos grupos davam palpites em relação as construções em que as crianças estavam envolvidas.

Essa dinâmica gerada pelo espaço/ambiente diferente gerou trocas recíprocas de aprendizagem entre os sujeitos, pois de forma ativa eles trocaram informações, entre eles, e com nós, professoras. Cooperaram entre si para realização da atividade proposta com base nos seus direitos de ser criança, a se desenvolver de acordo aspectos necessários para uma educação de qualidade que são direitos das crianças elencados na Base Nacional Comum Curricular (2018) como: conviver, brincar, participar, explorar, expressar, conhecer-se, pois nesta atividade percebemos que o pátio da escola em que foi realizado a atividade proporcionou uma interação cooperativa entre pares, já que cada criança procurou participar e ajudar a outra, podendo caminhar para outros grupinhos, deitar, ou sentar de acordo com suas vontades, diferentemente da primeira atividade desenvolvida dentro da sala de aula em que as crianças ficaram sentadas e imóveis em um mesmo lugar, que eram as carteiras, pois não tiveram a oportunidade de movimentar em um espaço mais amplo.

Essa atitude de pensar em um espaço mais amplo para realizar a atividade ajudou as crianças a explorar o espaço disponível, saindo de um grupo e indo para outros grupos de crianças, podendo conviver e partilhar livremente neste espaço, sem paredes e barreiras que pudessem limitar seus movimentos, situando-se como sujeitos participantes e ativos, expressando se, através de opiniões em relação as casas, castelos e robôs que os colegas estavam montando com as figuras geométricas no chão do pátio da escola.

6.3 Atividade de leitura dentro do espaço/ambiente da sala de atividades

Desenvolvemos um projeto de leitura durante o semestre cujo nome era “Maleta viajante” que consistia em a cada final da semana um aluno específico escolher um livro disponível no cantinho da leitura, que ficava disponível dentro da sala de aula em uma pequena estante que possui diversos livros clássicos como: Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, Cinderela, entre outros, da literatura infantil.

Assim, essa atividade consistia em cada final da semana uma criança diferente ir até à estante do cantinho de leitura organizado por nós professoras, escolher um livro de seu interesse, colocar dentro da maleta e levar para casa para seus pais lerem para ele(a).

Dentro da maleta nós disponibilizávamos uma folha para a criança fazer o desenho da parte da história em que ela tinha gostado, além de uma folha para a família da criança, mãe ou pai, contar a história do nome do seu filho, dizendo o porquê tinha escolhido aquele nome específico. E na semana seguinte a criança tinha que levar a maleta de volta para a sala de aula e contar para os colegas de turma a história do livro que seus pais haviam lhe contado,

além de mostrar o desenho que tinha feito da parte da história que gostou e nós professores ou a criança mesmo contar a história de seu nome na semana seguinte.

O objetivo desse projeto era trabalhar a identidade da criança, a história de seu nome para mostrar para eles que assim como nos livros, cada criança possui uma história de vida. Além disso trabalhar a linguagem oral, pois a criança tinha que falar para os colegas sobre a história e o mostrar o desenho que tinha feito da parte que mais tinha gostado.

O cantinho da leitura disponível na sala de atividades foi muito importante para o desenvolvimento desse projeto, pois a criança poderia de forma autônoma escolher o livro sobre o qual sentisse curiosidade, além de sempre quando alguma criança ia escolher o livro todas as outras crianças iam para perto para dar opiniões como aconteceu no dia em que a Larissa (nome fictício) foi escolher o seu livro, pois todas as outras foram para perto partilhar opiniões, dizer se ela tinha feito uma boa escolha, e folhear outros livros.

De acordo com Horn o espaço organizado em cantos temáticos

[...] possibilita um entendimento de uso compartilhado do espaço, onde, ao mesmo tempo, são possíveis escolhas individuais e coletivas, as quais certamente favorecem a autonomia das crianças, estimulando-lhes a zona de desenvolvimento proximal (Vygotsky,1984). Os procedimentos e as técnicas de ensino se torna mais flexíveis, abertos e dinâmicos, favorecendo a exploração ativa do ambiente escolar, promovendo a possibilidade da criança manipular, jogar, experimentar sem a constante intervenção direta do educador. (HORN, 2004, p.85).

Isso foi percebido ao longo do projeto da maleta viajante, pois as crianças compartilhavam do cantinho de leitura trocando opiniões e interagindo umas com as outras e nós educadoras deixávamos as crianças livres para escolherem os livros que eram de seu interesse.

Este é um fazer pedagógico que possibilita o descentramento da figura do adulto, levando em consideração as necessidades básicas e as potencialidades das crianças. Essa forma de organizar o espaço permite quebrar o paradigma de uma escola inspirada em um modelo tradicional de classes alinhadas, umas atrás das outras. (HORN, 2004, p.85).

Percebe-se que esses cantos temáticos como o que foi disponibilizado contribuiu para as interações entre pares, se tornando um espaço/ambiente de leitura partilhada, pois sempre no final do dia quando solicitávamos aos alunos para irem escolher o livro de seu interesse outras crianças iam para perto para folhear outros livros, darem sugestões para a criança que ia escolher, e às vezes escolhiam livros para lermos para elas.

Além desses aspectos eram trabalhados também a identidade pessoal das crianças. Retomando o exemplo de Larissa, no dia da apresentação em que ela contou história do livro que tinha escolhido, *A Bela Adormecida*, nós contamos para as outras crianças a história do seu nome, e o porquê seus pais tinham escolhido o seu nome, frisando para eles que assim como nos livros, cada criança possui uma história, uma identidade.

Lembro-me que o nome dessa criança foi escolhido em homenagem a sua avó materna que já havia falecido, assim explicamos para as crianças que o nome da colega foi escolhido pelos seus pais por motivos afetivos, pois a avó da Larissa havia sido uma pessoa muito especial, e também como forma de homenageá-la, mas que assim como sua avó, Larissa também era uma pessoa especial que estava desde o seu nascimento construindo sua história e aprendendo a cada dia, sendo também uma pessoa especial para todos que estavam ao seu redor.

Neste sentido, é possível a cada atividade, situação, ambiente, o professor trabalhar diversos aspectos que fazem parte da aprendizagem e desenvolvimento da criança como o que está expresso nos campos de experiência da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018), pois uma única vivência incluiu diferentes campos de experiências tais como: o eu, o outro, e o nós, escuta, fala, pensamento e imaginação, espaços e tempos, entre outros, que são campos imprescindíveis para a criança, como direito a ser criança, expresso nos documentos legais, em que permitem o desenvolver por meio de uma educação atenta às suas especificidades.

6.4 Atividade de leitura fora da sala de atividades: história de germinação de uma semente

Esta atividade foi realizada em um dia específico. O objetivo era contar a história de um livro que fala de fases de germinação de uma semente e logo depois em um outro dia colocar as crianças para plantar uma semente de feijão para que elas acompanhassem a germinação desses feijões ao longo dos meses.

Contamos a história fora da sala de atividades a pedido das crianças. Assim o espaço escolhido por elas foi o corredor da escola. Esta atividade de contação da história foi diferente, pois elas não ficaram sentadas em roda ouvindo a história, mas participaram encenando a história. Dessa maneira, na medida em que a professora ia contando a história eu ia colando na parede do corredor que fica no espaço externo da escola as fases da germinação em formato de desenho, como se fosse à ilustração da história. Essa história ensina que para

uma semente germinar ela precisa de luz solar, vento, e chuva, e que não adianta somente ter vento, ou só sol, pois ela precisa de todos esses componentes juntos.

As crianças participaram da seguinte maneira: antes de começar a contar a história dividimos as crianças de modo que as meninas iam ser as sementinhas, e os meninos em pequenos grupinhos representando o sol, a chuva, e o vento. Assim as sementinhas ficavam abaixadas perto da parede do corredor esperando. Ai chegava o grupinho do sol e perguntava o porquê às sementinhas não germinavam, e logo depois o grupinho da chuva, e depois o grupinho vento, até todos eles chegarem perto para elas poderem germinar. Assim quando o grupinho do sol, da chuva e do vento chegou todos ao mesmo tempo perto das sementinhas que era o (grupo de meninas) elas saíram da posição que estavam e se movimentaram subindo como se elas estivessem germinando. Essa encenação foi ensinada antes de começar a contação da história por nós professoras.

Também nesta atividade foi envolvido o conjunto de direitos expressos na BNCC (2018) tais como: o direito de comunicar, participar, conviver, brincar, explorar, conhecer-se, pois elas encenaram a história na medida que nós professoras íamos contando, elas iam falando as falas das personagens e encenando. Desta maneira “elas viraram as personagens”, participando de forma ativa, sendo que o espaço em que aconteceu essa atividade foi escolhido por elas. Segundo Horn (2004) é importante que o professor abra espaço para a criança se posicionar como sujeito de sua aprendizagem escolhendo os espaços/ambientes de seu interesse. Assim nesta atividade o corredor da escola se transformou em um ambiente de trocas de saberes, através das interações entre pares criança/criança, adulto/criança, que esta atividade proporcionou, respeitando o interesse das crianças e suas escolhas.

Dando continuidade à atividade da história da germinação da semente, a professora propôs em um outro dia específico para que as crianças plantassem feijões em litros descartáveis, não estive presente neste dia, mas acompanhei junto com eles a germinação dos feijões, pois como a escola trabalha em forma de rodízio, em um horário as crianças estão dentro da sala de aula e no outro desfrutam dos espaços externos como, parque de areia, piscina infantil, casa de boneca, áreas verdes, sempre quando saímos para esses espaços passávamos na horta da escola para que as crianças olhassem os feijões plantados e molhassem, assim como verificar se eles estavam germinando.

Outro aspecto importante na hora da escolha do espaço/ambiente, seja pelo professor, seja pelas próprias crianças, é que esses podem instigar o sujeito às diversas formas de imaginação, pois eles podem proporcionar vivências diversificadas.

Na atividade da contação de histórias elas aprenderam o processo de germinação de uma semente, e na atividade seguinte que elas mesmas plantaram a semente em litros e colocaram na horta da escola acompanhando seu desenvolvimento, fizeram dessa maneira mediações entre a história e a própria germinação dos feijões, levantando hipóteses do motivo de uma semente ter nascido, e através dessas hipóteses, e desse contato com os feijões através da criatividade e imaginação partilhava com os colegas argumentos formulados pela imaginação/criatividade o porquê de alguns feijões não terem nascido, falando que era porque não tinham sido molhadas adequadamente, ou porque não tinha pegado luz solar e etc. estabelecendo assim um espaço/ambiente de trocas de saberes em relações dialógicas com seus pares e com os adultos.

Na Instituição os espaços/ambientes externos como: parques de areia, casa de boneca, piscina são espaços destinados às brincadeiras, à imaginação, e à criatividade, pois as crianças desfrutam desses espaços que instigam a imaginação e conseqüentemente seu desenvolvimento. Segundo (Vygotsky, 1984, apud, Horn, 2004, p.19-20), a “atuação da criança no âmbito da imaginação, em uma dada situação imaginária, oportuniza a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e das motivações da vontade.”

Dessa maneira a imaginação é despertada também no ato de brincar, e esses espaços que a escola possui são essenciais e indispensáveis em uma instituição de educação infantil, todavia o planejamento de uma atividade que se desdobrou em outra, envolvendo o espaços ambientes externos como corredor e a horta da escola foi muito importante para essa mediação entre o imaginário, e a criatividade para a formulação de hipóteses em relação ao nascimento dos feijões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da problemática da pesquisa que era: de que forma a organização do espaço na Educação Infantil se expressa na aprendizagem e desenvolvimento das crianças? e quais aspectos o professor deve levar em consideração em suas práticas pedagógicas na organização do espaço/ambiente? e também diante do objetivo geral que era compreender aspectos da organização do espaço/ambiente na Educação Infantil, levando em consideração o espaço/ambiente planejado pelo professor em suas práticas pedagógicas que tenham valor para as interações sociais, aprendizagem e desenvolvimento, ficou evidente que durante as atividades desenvolvidas com a turma do 1º período da Educação Infantil que na organização do espaço/ambiente vários fatores e aspectos devem ser levados em consideração.

Os aspectos físicos que são considerados básicos são a infraestrutura, iluminação, ventilação, moveis adequados ao tamanho das crianças como cadeiras e mesas entre outros, bem como banheiros, lavatórios e etc. Mas para além dos aspectos físicos principalmente é necessário que o professor em suas práticas do dia a dia adote uma postura em que está sempre organizando e reorganizando os espaços/ambientes de acordo com as dinâmicas geradas pelas atividades, transformando esses espaços/ambientes em contexto de aprendizagem em que o espaço pode se tornar uma ferramenta de abordagem do ensino.

O uso de espaços/ambientes internos e externos da escola para a realização das atividades foi muito importante, pois percebemos que dependendo do espaço/ambiente uma mesma atividade gera outras experiências, e formas de interações como foi identificado na atividade das figuras geométricas realizadas na sala de aula que é um espaço interno, e no pátio da escola que é um espaço externo que gerou de forma diferenciada maior cooperação entre as crianças, pois elas fizeram trocas de materiais, saindo de seus grupos e interagindo em outros grupos sem as paredes, mesas e cadeiras que de certa forma impedem seus movimentos.

Aspectos como o planejamento por parte do professor na organização de cantos temáticos capazes de favorecerem as interações sociais, trabalhando outros aspectos como a imaginação, cultura, identidade, criatividade da criança. Nos cantos temáticos que são espaços físicos que se transformam em ambientes por meio das relações estabelecidas despertam o imaginário, a afetividade, a amizade e a autonomia. Aspectos esses imprescindíveis para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças na Educação Infantil.

Neste sentido, o professor deve pensar e planejar também os espaços/ambientes, levando em consideração que o espaço/ambiente não é algo pronto, e sim algo que é

construído e adaptado a partir das atividades que vão ser realizadas. Atividades essas que devem abranger os espaços/ambientes internos e externos para propiciar vivências diversificadas, pois a criança é um sujeito ativo produto e produtor de conhecimento e cultura que aprende a partir das relações estabelecidas dentro de um espaço tempo, e nas relações com o outro.

Pensar na organização do espaço é pensar na criança como um ser que está em processo de aprendizagem e desenvolvimento, e a partir do momento que o professor desenvolve estratégias pedagógicas de planejamento considerando o aspecto espacial/ambiental ele está se comprometendo com uma educação de qualidade.

Acredito que o ato de planejarmos, escolhermos e adaptarmos lugares para o desenvolvimento das atividades com a turma propiciou interações sociais, e essas interações despertaram as crianças para a exploração do mundo que as cerca, que é o mundo da linguagem, da descoberta do corpo, da criatividade, ou como Horn (2004) salienta as crianças descobriram “os sabores, cores, sons e aromas” presentes nos espaços/ambientes, construindo assim, conhecimento e se desenvolvendo. Lugares esses como o cantinho de leitura, o pátio da escola, a área verde como a horta e também a sala de aula que foram os lugares que desenvolvemos as atividades.

Essa temática apresentada neste trabalho é muito importante para os professores repensarem suas práticas do dia a dia nas instituições de Educação Infantil, cuidando para que todos esses aspectos sejam levados em consideração na hora de propor atividades e brincadeiras diversas. Cuidando assim da educação de qualidade das nossas crianças e evitando retrocessos referentes ao direito da criança em ter espaços/ambientes adequados e planejados para a aprendizagem e desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2. Ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular/ Secretária de Educação Básica* - Brasília: 2018, documento revisado pelo Conselho Nacional de Educação. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em 06 de março de 2018.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 23 out. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica*. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 16 out. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. *Currículo em Movimento da Educação Básica/Educação Infantil*. - Brasília: MEC, 2013. Disponível em: http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/subeb/cur_mov/2_educacao_infantil.pdf. Acesso em: 16 out. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil*- Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol1.pdf>. Acesso em 26 de junho de 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Política Nacional de Educação Infantil: pelos direitos das crianças de zero a seis anos à educação*. Brasília 2006.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*, Lei nº 8069 de 13 de julho de 1990.

FORNERO, L.I.A *organização dos espaços na educação infantil*. In: ZABALZA, M. *Qualidade na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HORN, Maria da Graça Souza. *Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LOUREIRO, Stefâne Arca Garrido. *Alfabetização: uma perspectiva humanista e progressista*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MAIA, Janaina Nogueira. *Concepções de criança, infância e educação dos professores de Educação Infantil*. Campo Grande, 2012. 135 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco.

MITINEZ, Albertina; GONZÁLEZ Rey. *A dimensão subjetiva da aprendizagem escolar*. In: Psicologia, Educação e aprendizagem escolar. São Paulo: Cortez editora, 2017.

VIEIRA, Elisa Reverso. *A organização do espaço da sala de aula de educação infantil: uma experiência concreta a luz da teoria histórico-cultural*. Marília, 2009. 125 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual Paulista-UNESP.

TRIVIÑOS, A.N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. 1. Ed.-19. Reimpr.- São Paulo: Atlas, 2010.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L.S. *Aprendizagem e Desenvolvimento Intelectual na Idade Escolar*. In: Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. Vygotsky, L.S, Luria, A.R. Leontiev, A.N, 11ª edição. São Paulo: Ícone, 2010, P.103-117.